

Gabriela Acerbi Pereira

**SOBRE O IR E VIR:
SUJEITOS MIGRANTES, ESTADO E MOBILIDADE NO CASO
DE POÇOS DE CALDAS – MG E MOUNT VERNON - NY**

Trabalho de Conclusão Curso
apresentado como requisito para a
obtenção do título de Bacharel em
Ciências Sociais pela Universidade
Federal de Santa Catarina. Professora
Orientador: Dr^a Sônia Weidner Maluf

Florianópolis
2014

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC

Pereira, Gabriela Acerbi

SOBRE O IR E VIR: SUJEITOS MIGRANTES, ESTADO E MOBILIDADE NO
CASO DE POÇOS DE CALDAS ? MG E MOUNT VERNON - NY / Gabriela

Acerbi Pereira ; orientador, Sônia Weidner

Maluf - Florianópolis, SC, 2014. 95 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Graduação em Ciências Sociais.

Inclui referências

1. Ciências Sociais. 2. migração; Estado; emigrantes brasileiros; fluxos contemporâneos. 3. Poços de Caldas; Estados Unidos; Mount Vernon; I. Weidner Maluf, Sônia. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Ciências Sociais. III. Título.

Gabriela Acerbi Pereira

**SOBRE O IR E VIR:
SUJEITOS MIGRANTES, ESTADO E MOBILIDADE NO CASO
DE POÇOS DE CALDAS – MG E MOUNT VERNON – NY.**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para a obtenção do título de Bacharel, e aprovado em sua forma final pela Coordenação do Curso de Ciências Sociais. Florianópolis, Outubro de 2014.

Prof. Dr^o Jeremy Paul Jean Loup Deturche
Coordenador do Curso

Banca examinadora:

Prof., Dr^a Sônia Weidner Maluf
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^o, Dr.^o Rafael Victorino Devos
Universidade Federal de Santa Catarina

Professora Dr^a Gláucia de Oliveira Assis
Universidade Estadual de Santa Catarina

AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos deste trabalho vão primeiramente aos sujeitos poços-caldenses que fizeram parte da pesquisa compartilhando suas experiências e memórias, assim como todos aqueles que seguem em travessias e podem ser representados pelas histórias e relatos contatos aqui.

Agradeço a toda minha família, meus pais Sibélius e Mirian e meu irmão Rafael por todo apoio, carinho e amor constantemente compartilhados, e especialmente ao meu avô Gerson e meu tio Mário que tristemente despediram-se de mim ao longo da realização da pesquisa.

Agradeço ao meu companheiro Rodrigo que foi meu colo, meu ninho e meu aconchego em todo esse período.

Agradeço a todos os amigos e amigas que compartilharam comigo essa inesquecível experiência de cursar Ciências Sociais na bela ilha de Florianópolis, ao núcleo de pesquisa TRANSES, colegas de trabalho e a minha orientadora Sônia, por toda ajuda, ensinamentos e principalmente por me fazer descobrir sentidos, projetos e esperanças a partir da Antropologia que é feita ali

Gabriela Acerbi Pereira

RESUMO

Reflexão sobre a dinâmica e nos novos fluxos das migrações contemporâneas, tendo como foco o estudo etnográfico realizado na região de Poços de Caldas, ao sul de Minas Gerais e a relação que esta cidade desenvolveu com Mount Vernon, distrito do Estado de Nova York, desde o final dos anos oitenta. Direciona-se às experiências de e/imigrantes poços-caldenses, considerando trajetórias e particularidades do movimento migratório na região e a abordagem antropológica sobre a questão. Na pesquisa, as políticas sociais de gestão dos fluxos migratórios e as relações estabelecidas entre sujeitos e Estado são revistas, considerando o contexto contemporâneo, o cruzamento de fronteiras, o trabalho e o cotidiano dos indocumentados, a defesa de território nacional, as políticas de regulamentação das travessias e residência, a construção de redes de sociabilidade entre os e/imigrantes, o discurso midiático sobre a migração local e principalmente as narrativas que constituem as experiências individuais dos que partiram e retornaram a Poços de Caldas.

PALAVRAS-CHAVE: migração; Poços de Caldas; Estados Unidos; Mount Vernon; Estado; emigrantes brasileiros; fluxos contemporâneos

ABSTRACT

Reflection about dynamics and new streams of contemporary migrations, focusing on the ethnographic study conducted in Pocos de Caldas, south of Minas Gerais and the relationship that has developed with Mount Vernon, NY's district, since the late eighties. The study has focus in experiences of immigrants from Poços de Caldas, considering trajectories and particularities from migratory movements and anthropological approach. In research, social policies for managing migration flows and relations between subject and state are reviewed considering the contemporary context, crossing borders, work and daily life of "indocumentados", defense of national territory, regulatory policies of crossings and residence, building social networks among immigrants, the media discourses about local migration and especially narratives from individual experiences of person who had departed and returned to Pocos de Caldas.

SUMÁRIO

- Introdução ... 10
- Capítulo 1 - O campo de estudos da migração ... 18
- Capítulo 2 - Poços de Caldas e a migração: a cidade na trama ... 62
- Capítulo 3 - Circulando: percursos dos sujeitos na migração ... 113
- Considerações Finais ... 164
- Referências Bibliográficas ... 169

INTRODUÇÃO

A pesquisa toma como ponto de partida uma sequência de fatos e informações encontradas sobre a cidade de Poços de Caldas, ao sul de Minas Gerais, e a curiosa relação que esta região e os sujeitos que vivem nela estabeleceram com os Estados Unidos, mais precisamente, com Mount Vernon, um município do Estado de Nova Iorque. Destaco que o tema desta pesquisa e aquilo que podemos chamar de resultados do trabalho são reflexões construídas a partir das experiências locais encontradas nas narrativas individuais coletadas, também um conjunto de análises das ações institucionais que envolvem as duas regiões, considerando seus desdobramentos políticos, sociais e culturais, e conseqüentemente, um diálogo com a produção teórica e etnográfica no campo das migrações contemporâneas. Considerando as dinâmicas migratórias atuais, as redes de sociabilidade traçadas e principalmente a forma como nesse processo de mudança relacionam-se sujeitos migrantes e o *Estado* (representado aqui pelas prefeituras de ambos os municípios, pelas organizações não-governamentais envolvidas e pelas políticas nacionais migratórias dos EUA), encontra-se um trabalho que coloca em destaque a perspectiva dos sujeitos migrantes, repensando os efeitos e as configurações promovidas pelos sistemas de regulamentação presentes, sua relação com processos de garantias de direitos e o significado de categorias como *território*, *cidadão* e a construção da ideia de *nação*.

Considerando as possibilidades do trabalho etnográfico, esta pesquisa investigou ao longo de dez meses (Agosto 2013/ Maio 2014) uma pequena amostra do universo daqueles que vivenciaram o rompimento de fronteiras, a mudança e a adaptação nos Estados Unidos a partir da realização de nove entrevistas, saídas de campo na cidade e coleta de material de mídia associados às notícias sobre a migração na região. Buscou-se acompanhar nas experiências narradas e nas informações noticiadas, os processos de regulamentação envolvidos na fiscalização desses fluxos e na manutenção da vida desses emigrantes mineiros na região de Mount Vernon, em Nova York, considerando também a maneira pela qual cada um dos entrevistados se inseriu no destino final e outras relações que existiram entre esses sujeitos migrantes e instituições governamentais e não-governamentais no país estrangeiro. Além disso, como forma de delimitar certo alcance e expansão do trabalho, foram escolhidos para participar da pesquisa, brasileiros provenientes de Poços de Caldas que foram viver na região de Mount Vernon, mas que já haviam retornado ao Brasil e à cidade

mineira. Com essa escolha, proporcionou-se um contato direto com os entrevistados, a partir de entrevistas orais, pouco estruturada, abertas às impressões, balanços e elaborações particulares de cada migrante. Com essa escolha, permitiu-se repensar as políticas que se constroem no campo das migrações, mas principalmente essas políticas inseridas e narradas pelos próprios sujeitos, nas suas vivências particulares, fazendo parte da construção da figura desse migrante.

Na região escolhida para a pesquisa, uma série de aspectos desenham uma situação interessante à investigação, como o *Ato de Irmanação* entre a cidade de Poços de Caldas e o distrito de Mount Vernon, NY, decretado em 2005 pela Lei 8191/05 ou também o fato da cidade mineira sediar em uma das salas da Unidade de Atendimento Integrado (UAI)¹ do Estado de Minas Gerais a central da ONG BAE (Organização Não Governamental Brasileira de Apoio ao Emigrante)². Além disso, devido ao grande número de imigrantes nos EUA, a cidade possui há mais de vinte anos no canal local (TV POÇOS), um programa destinado a acompanhar e retratar a vida dos imigrantes fora do Brasil, exibido semanalmente. Denominado anteriormente “NY, um sonho brasileiro” e nos dias atuais de “Mundo Afora”, o programa que é considerado pioneiro é uma tradição da cidade, alimentando a construção de todo um imaginário em relação à vida nos Estados Unidos, as possibilidades e dificuldades vivenciadas pelo migrante. São esses fatores introdutórios que despertaram e permitiram à pesquisa avançar na investigação das reconfigurações culturais, políticas e também *biopolíticas*, provenientes dessas migrações, situadas no contexto contemporâneo e que podem ser observadas como “parte de movimentos que se consolidam desde o final de 1950 enquanto novos movimentos internacionais de populações” (ASSIS, 2007, p.695). Esses movimentos são caracterizados por uma maior diversidade étnica, de classe e também de gênero, em que novas e múltiplas relações são estabelecidas entre “a sociedade de destino e a de origem dos fluxos” (ASSIS, 2007, p.695), assim como o aspecto transnacional.

A pesquisa desenvolvida está distribuída em três capítulos que acompanham esses novos trânsitos, dando destaque às particularidades locais, à percepção do migrante enquanto um agente na própria

1 Instituição governamental do Estado de Minas gerais responsável pela emissão de documentos como carteira de trabalho, identidade e CPF. No segundo capítulo desse trabalho a atuação da instituição será explorada e detalhada.

2 CNPJ 08.571.386/0001-01

mudança e também às redes de regulamentação e controle que o envolvem e que envolvem suas intenções migratórias. O primeiro capítulo tem como objetivo uma breve retomada da Migração enquanto um campo de estudos sociais, principalmente na Antropologia, considerando os Estados Unidos enquanto uma região de confluência dessas experiências e também das políticas de controle dessas experiências. Nesse sentido, o primeiro capítulo apresenta, retoma e situa as especificidades do objeto escolhido dentro do campo de estudos, destacando conexões e particularidades da região com o tema geral. Já o segundo capítulo procura contextualizar a cidade de Poços de Caldas na trama, a partir de uma sequência de informações noticiadas, sobre os movimentos migratórios, a vida do migrante, as políticas de acolhimento, de contenção e a relação com os Estados Unidos. O terceiro e último capítulo dedica-se às percepções, percursos e experiências dos sujeitos a partir das entrevistas realizadas, considerando os processos e elementos que circulam na rota Poços de Caldas – Mount Vernon. Como encerramento do trabalho, as considerações finais expõem um balanço analítico em relação às experiências em campo, com reflexões associadas à questão da conquista da cidadania e ao conceito de cidadão.

Encerrando esta introdução, é importante destacar a opção feita aqui pela escrita em primeira pessoa já que Poços de Caldas é meu local de origem e criação, região onde eu, Gabriela Acerbi Pereira, autora da pesquisa, morei por 19 anos até me mudar para Florianópolis para cursar Ciências Sociais na Universidade Federal de Santa Catarina. Este período de distanciamento físico representou também outras formas de aproximação e associações, quando pude desenvolver novas perspectivas e lançar outro olhar sobre a cidade mineira. Com o afastamento e com os elementos adquiridos ao longo do curso de Ciências Sociais uma sequência de dados aparentemente corriqueiros e naturalizados, associados à história de vida dos moradores da cidade, suas relações com os Estados Unidos, às políticas do governo local e elementos culturais associados à migração desenharam um contexto sugestivo à realização da pesquisa etnográfica, desmistificando assim alguns elementos dessa história e das práticas locais.

Nesse contexto, a migração dos moradores de Poços de Caldas para os Estados Unidos e atuação dos órgãos e instituições no gerenciamento desses processos representaram a consolidação de um campo de estudos não apenas associado às características transnacionais dessas chegadas e partidas, mas também uma sequência de reflexões em relação aos processos políticos e culturais de pertencimento,

representação, negociação, desterritorialização e construção de imagem, memória e trajetórias de vida, todos diretamente associados à questão da *mobilidade*. Uma mobilidade talvez “sobremoderna”, que se exprime nos novos movimentos de população (migração, turismo, mobilidade profissional), na comunicação instantânea de imagens e informações e que corresponde ao paradoxo de um mundo onde “podemos teoricamente tudo fazer sem deslocarmo-nos e onde, no entanto, deslocamo-nos” (AUGÉ, 2010, p.15). Uma mobilidade associada à noção de fronteiras e delimitações, em que a ideia de fronteira se articula com atividades simbólicas e de alguma maneira é empregada para significar o universo, dando sentido ao mundo e tornando-o habitável, ainda que sejam constantemente questionadas por sua própria história política (AUGÉ, 2010, p.23).

Abordarei aqui as circulações que envolvem sujeitos, fronteiras e mobilidade, a partir de uma experiência local e particular, mas que proporcionou a vivência dos desafios e dificuldades de formulação da pesquisa de campo na esfera da Antropologia. Como poderá ser observado nos capítulos seguintes, esse texto corresponde a uma sequência de tentativas de articulação, aprendizados etnográficos, emaranhado de dúvidas e possibilidades de análise, sendo resultado do meu primeiro trabalho em campo e minha da minha primeira experiência em lidar com sujeitos frutos de trânsitos, fluxos e cruzamento de fronteiras, m discursos e narrativas.

CAPÍTULO I - O campo de estudos da Migração

As fronteiras não se desfazem jamais, elas se redesenham. [...] A fronteira, nesse sentido, tem sempre uma dimensão temporal: é a forma do devir e, talvez, da esperança (AUGÉ, 2010)

Considerando que a *Migração* também se tornou um campo de estudos na antropologia, é possível observar que ao longo dos últimos vinte/trinta anos, o debate e as análises estenderam-se para além do que é referido às fronteiras político-administrativas e aos deslocamentos populacionais. Explorando diversos aspectos culturais dentro dos movimentos migracionais, a antropologia passou a “analisar a construção de categorias sociais em seus significados, a partir de circunstâncias histórias específicas e de relações de poder” (SPRANDEL, 2005, p.24), direcionando-se à construção do sujeito migrante e também à construção dessas migrações, incorporando novas percepções em relação aos deslocamentos espaciais existentes. Com esses estudos, expressões como a noção de estrangeiro, conceitos de etnicidade, identidade étnica, fronteiras étnicas, estratégias e planos de organização social foram sendo incluídos no trabalho reflexivo, assim como percepções em relação ao sentido político dessas etnicidades, a questão do Estado e processos como urbanização e a globalização. Assim como afirma Sprandel, a partir dos anos 1990, “o tema das migrações – até então restrito aos demógrafos, geógrafos ou religiosos – retornou com força à pauta política internacional, e conseqüentemente, à pauta dos Estados nacionais” (2005, p.26), trazendo questões associadas ao desenvolvimento e ênfase nos seus aspectos econômicos e de segurança nacional, como por exemplo o tráfico de pessoas e a situação dos migrantes. Dessa mesma maneira, como descreve a autora, a incorporação de conceitos, categorias e modelos interpretativos onde o sujeito parece desaparecer, principalmente nos documentos oficiais disponibilizados, trouxe para a antropologia e para os estudos migratórios, principalmente para a antropologia brasileira e latino-americana, chaves para uma crítica a essa ausência da perspectiva do sujeito, onde as situações e pessoas pensadas, vividas e narradas eram analisadas a partir de uma mesma base de conceitos produzidos. Nesse movimento, autores e autoras destacaram-se, como por exemplo Giralda Seyferth, produzindo linhas de pesquisas voltadas às “minorias nacionais”, às “relações interétnicas” e “estudos camponeses”, proporcionando também uma sólida análise das políticas de imigração, assim como assuntos controversos como os conflitos políticos e sociais,

negociações, racismos, diversidades culturais, minorias e identidades contrastantes nos Estados-nações (SPRANDEL, 2005, p.26), proporcionando também a ampliação do conceito migrante, que tornou-se passível de críticas, principalmente em relação às perspectivas que fizeram dessa expressão um conceito geral. Nesse sentido, a migração enquanto um campo antropológico avançou em relação à perspectiva do sujeito, proporcionando assim a multiplicação dos objetos e análises voltadas às especificidades de cada situação, local ou grupo específico, colocando em destaque demandas provenientes das próprias narrativas e trajetórias de vida observadas dessas pessoas em trânsitos, ressignificando também a própria categoria migrante. Como afirma Marcia Anita Sprandel:

A travessia de fronteiras político-administrativas internacionais é detentora de uma série de circunstâncias para o sujeito em deslocamento, especialmente em função do controle dos Estados nacionais, gerador de tipologias, identidades e, muitas vezes, criminalizações. Daí a importância de etnografias que apreendam como grupos sociais narram a sua história e a história de vida de seus membros, a partir de categorias próprias. Pensar esses grupos sociais com a categoria “migrantes” e seus deslocamentos como “migração” tem, historicamente e politicamente, obscurecido situações e trajetórias de vida diversas, negando o papel fundamental das estratégias de reprodução social na tomada de decisão para mudanças espaciais e adaptações a novos cenários. (2005, p.26)

Os estudos mais recentes sobre as questões da migração, como os reunidos no trabalho “Diásporas, migrações, tecnologias da comunicação e identidades transnacionais” (2012), organizado pelos pesquisadores Denise Cogo, Mohammed EllHajji e Amparo Huertas, apontam para novos traços que têm demarcado a noção de pertencimento aos grupos considerados migrantes, assim como os processos de adaptação nos países estrangeiros. Como afirma a professora Sofia Zanforlin, em artigo nessa coletânea, se no passado o pertencimento imigrante era negociado a partir do viés da assimilação, atualmente, os grupos têm reiterado sua cultura e seus laços originais, num processo constante de negociação e interlocução com a cultura local em que constituem suas novas vidas, proporcionando assim uma ampliação da interculturalidade, não só nos aspectos culturais,

identitários, mas também políticos e de cidadania (2012, p.434). Nesse sentido, é possível entender e reconhecer que múltiplos pertencimentos, locais e globais, passam a coexistir em espaços cada vez mais diversos, onde sujeitos são capazes de conviver, reconhecer e apontar a diferença, tornando-se parte de um processo de entrelaçamento intercultural que está presente nas desterritorializações e re-territorializações que acompanham a vida dos migrantes.

Como um novo aspecto das migrações, a presença das tecnologias digitais passou a compor os estudos antropológicos sobre esse tema, como no caso da pesquisa S. Zanforlin que afirma: “um momento em que se prescinde do território para a construção do pertencimento, delegando ao espaço virtual da internet, por exemplo, o principal árbitro e organizador das comunidades em diáspora” (ZANFORLIN, 2012, p.437) ou nos estudos do antropólogo indiano Arjun Appadurai, que passou a considerar a influência desses fluxos comunicacionais nas experiências de construção do eu (APPADURAI, 2004, p.14-15) em trânsito, produzindo assim uma nova ordem de instabilidade na moderna produção de subjetividades e uma possível superação do território espacial. Como é possível observar, nos últimos trinta anos os movimentos transnacionais se reconfiguraram, incluindo novos elementos e agentes participantes dessas mudanças, proporcionando a inclusão desses outros agentes nos trabalhos realizados em relação às suas experiências na travessia de fronteiras.

Acompanhando os estudos da antropologia sobre os movimentos transnacionais dos últimos anos, temos os Estados Unidos como um dos grandes focos de trabalho, considerando o intenso fluxo de latino-americanos para o país, principalmente a partir da década de 1980. No caso do Brasil, esses movimentos transnacionais alteraram-se, proporcionando ao país uma situação de inversão, onde um alto número de emigrantes deixaram o país para viver nos Estados Unidos, Japão e Canadá. Segundo dados da Polícia Federal, cerca de 1,25 milhões de brasileiros deixaram o país - e não voltaram - entre 1985 e 1987. (SALES, STYCER apud ASSIS, 2000, p.1). Nesse período, o país que era conhecido por receber um alto número de imigrantes passou a configurar um quadro de altos fluxos de indocumentados para os Estados Unidos. Esse número seguiu em crescimento até os dias atuais, sofrendo algumas quedas a partir do atentado às torres gêmeas na cidade de Nova York, em setembro de 2001. Como descreve Viviane K. de Assunção (2011) em seu estudo antropológico sobre as práticas alimentares dos brasileiros em Boston, calcular o número de brasileiros vivendo nos EUA torna-se impossível devido ao alto número de

imigrantes sem documentação, mas ainda assim, pelos números do Ministério das Relações Exteriores de 2009, entre os 3.040 993 de brasileiros que migraram para fora do país, cerca de 1.280 milhões encontram-se nos Estados Unidos, considerando também algumas pesquisas que estimam ser esse número de 1.400 milhões (2011, p.24). Decorrentes também da urbanização, na virada ao século XX, o imigrante, principalmente o imigrante indocumentado, tornou-se uma grande questão de associação entre Brasil e Estados Unidos, engrossando o contingente de imigrantes ilegais no país estrangeiro e assumindo concretamente a definição de “problema sociológico” (ASSIS, 2000, p.1), associando-se a questões como criminalidade, violências, formação de guetos, desagregação e exploração social. Vale lembrar que o início desse fluxo ocorre devido ao grande número de brasileiros que buscavam escapar dos traumas e consequências da recessão econômica dos anos 1980, e que perduraram no Brasil até meados de 1990, iniciando assim a construção de todo um imaginário em relação às possibilidades de melhora de vida e mobilidade social a partir do trabalho fora do país. É nesse contexto de consolidação de mudanças e fluxos migratórios que as redes sociais entre os migrantes ganham forma, estabelecendo-se de maneira mais concreta e palpável à visão dos pesquisadores, proporcionando além do contato entre os sujeitos e “facilidades” nas travessias, a constituição e circulação de imagens e produtos dessa imigração, elementos que logo passariam a compor os objetos de estudos das Ciências Sociais.

Como afirmar Seyferth (2010) e Teresa Sales (1999), autoras de grande contribuição para os estudos migracionais no Brasil, é nesse contexto de consolidação do emigrante brasileiro que o transnacionalismo surge como conceito e temática nos estudos contemporâneos. Nesse sentido, a expressão ganha notoriedade à medida que os fluxos migratórios intensificam-se, assim como seus impactos nas políticas de identidade que envolvem a transposição de fronteiras internacionais e principalmente as políticas dos Estados-nações. Da mesma forma que a discussão dos fluxos transnacionais surgem nas análises de situações locais, teóricos como Nestor Garcia Canclini passam a discutir e repensar a questão da globalização, assim como a noção de fronteiras, território e a própria ideia de transnacionalização. Considerando o processo de globalização, as migrações e a relação desses processos com o desenvolvimento tecnológico, as relações sociais consolidadas nesses contextos são repensadas a partir da noção de *redes sociais*, proporcionando também a abertura de mais um leque de possibilidades aos estudos antropológicos

da migração, que passa então a dar destaque aos laços familiares e de amizade no fortalecimento da circulação e na própria travessia dos sujeitos migrantes. Assim, como observa Assis (2000), as migrações de longa distância envolvem muitos riscos, mas com o fortalecimento das relações sociais através das redes de apoio esses riscos são minimizados e diluídos, proporcionando uma sobreposição e até mesmo uma superação das demarcações espaciais geográficas estabelecidas. É possível reconhecer que ao longo dos anos, com o fortalecimento dessas redes, intensifica-se o caráter transnacional das migrações, que atravessam fronteiras e proporcionam um fluxo intenso não só de pessoas, mas também de informações, imagens, objetos, práticas, capital, produtos, alimentos etc.

Para Cancline, a ideia de globalização e transnacionalização estariam atreladas a estágios dos processos históricos, considerando como primeiro a internacionalização, com base nas navegações transoceânicas, a abertura comercial europeia e as colonizações, juntamente com o fluxo de pessoas, bens, capital e informação. O segundo momento seria associado à noção de transnacionalização, que é marcada pelo surgimento de empresas e movimentos sem sede, mas com interconexões associadas aos países de origem, já no século XX. Já a globalização poderia ser considerada uma fase posterior, de maior interação entre focos dispersos de produção, circulação e consumo, intensificando as relações culturais, políticas e econômicas (Cancline, 2003, p.42). Nessa análise da sociedade contemporânea, que abarca as novas modalidades de organização da cultura e dos fenômenos sociais, Cancline faz uma reflexão sobre as consequências do desmoronamento das antigas categorias teóricas estabelecidas e, nesse sentido, coloca em evidência os cruzamentos e margens que brotaram no contexto social denominado pós-modernidade, incluindo nesses cruzamentos a presença do aparato tecnológico e a atuação dos mecanismos informacionais entre as fronteiras anteriormente estabelecidas. Nesse sentido, Cancline aponta também para o processo de hibridização, expressão diretamente associada às questões migratórias, sendo um fenômeno marcado por uma quebra e mescla das coleções organizadas pelos sistemas culturais, “uma desterritorialização dos processos simbólicos e a expansão dos gêneros impuros” (CANCLINE, 1998, p.284). Além de pensar nesses processos de modificação cultural da vida em sociedade, que incluiu os trânsitos atuais, o autor atenta-se para as relações que foram estabelecidas entre essa sociedade contemporânea e os mecanismos comunicacionais, observando que a produção e a circulação dos novos elementos não foi apenas uma indução dessas tecnologias, mas foi um

dos elementos que permitiu novos traços na população e o desenvolvimento de uma comunicação imaterial. Paralelo a essas interferências técnicas, Cancline observa que o processo de hibridização da cultura intensificou-se também devido a expansão do urbano, que através do êxodo, ganhou mais membros e passou a permear ainda mais os processos de significação humana.

Ao tratar a migração como um processo transnacional, Assis (2000) permite uma reflexão crítica em relação aos estudos que passaram a pensar o imigrante a partir da ideia de aculturação e assimilação. Como podemos observar em seus diversos estudos sobre os mineiros de Governador Valadares nos Estados Unidos, perspectivas como essas obscurecem as informações ligadas às origens e às relações que o migrante mantém com o país e as pessoas que deixou. Nesse sentido, é importante reconhecer o caráter múltiplo das relações que se estabelecem e que os migrantes têm construído “um campo social entre as sociedades de origem e de destino” (ASSIS, 2000, p.14), o que torna ainda mais difícil enquadrá-lo em categorias classificatórias como a ideia de imigrante permanente, temporário ou ilegal. Entre os fluxos e com a manutenção da rede é possível observar que as situações e as denominações dadas à situação do imigrante variam e alternam-se constantemente,

A vida cotidiana dos imigrantes redefine, ao longo do processo, o projeto de “fazer a América” indicando que a transnacionalização, mais do que um conceito, significa estar entre dois lugares. Viver esta fragmentação representa para o migrante ter um sentimento ambíguo em relação à terra natal e a de imigração fazendo com que esta nunca se efetive por completo. O migrante mantém-se ligado com o local de origem: constrói uma casa, investe dinheiro, gasta fortunas com ligações internacionais, traz presentes, leva parentes e amigos, cria redes de imigração, tem saudade da terra. E a despeito de todas as dificuldades que possa enfrentar como migrante, conta com as compensações. (ASSIS, p.17, 2000)

Migração enquanto exercício de mobilidade e de regulação.

Ao escolher o tema da migração e me direcionar para as experiências de um caso específico a partir dos sujeitos que migram, busquei acompanhar processos no campo das *microrrelações* e subjetivações de um grupo que tem em comum o lugar de origem e a

mudança para os Estados Unidos. Considerando o contexto atual, um fluxo bastante expressivo de trânsitos e migrações aumenta paralelamente às articulações globais criadas e mantidas nas esferas sociais, políticas, econômicas e informacionais. Como já descrito na introdução do trabalho, é possível afirmar que em muitos momentos a história política e os processos sociais questionam as fronteiras estabelecidas assim como os territórios demarcados, num momento em que um mercado liberal mundial ocupa espaço, e onde as tecnologias da comunicação parecem suprimir, cada dia mais, os obstáculos ligados ao espaço e ao tempo (AUGE, 2010, p.20). Conjuntamente a esse trânsito de pessoas e informações, observa-se que as políticas de regulamentação também vão se alterando e criando novas formas para lidar com essas conexões que se estabelecem no cruzamento e no hipotético “derrubamento” de fronteiras que aparenta se consolidar, e que essas medidas alteram-se com base em desejos e pretensões mais profundas, associadas aos interesses políticos, econômicos e territoriais de cada “nação” envolvida. Nesse sentido, a migração enquanto um exercício de mobilidade é um movimento totalmente associado aos sistemas de garantias de direito, como por exemplo o de ir e vir, torna-se um campo de disputas e relações de poder, atravessado por tensões que envolvem diretamente a atuação do Estado e os agenciamentos sociais possíveis nesse Estado. Sem grandes esforços, observa-se que a discussão em torno da migração, independente das situações particulares de cada objeto, de alguma maneira esbarra nas discussões políticas, políticas essas associadas à vida, aos controles que se pode ter ou não sobre essa “vida” e aos lugares de ação possíveis dentro desse sistema de regulação. Considerando a contribuição de Michel Foucault (2009) em relação à ideia de governamentalidade e instituições, os movimentos migratórios, sejam eles clandestinos ou não, relacionam-se com os Estados, tanto das nações de origem quanto das nações de destino, fazendo desses espaços lugares de ação, onde um conjunto de práticas se constroem, assim como modos de subjetivação são partilhados e empoderamentos, agenciamentos e desagenciamentos se expressam.

Uma forma de ilustrar todas as associações elaboradas acima é reconhecer, assim como faz Marc Augé, que a situação do migrante, seja ele clandestino, indocumentado ou legalizado, atravessa fronteiras geográficas e independente das definições propostas, apresenta um caráter muito mais dinâmico e volátil, altamente dependente do interesse dos Estados que possuem seus territórios ocupados em jogo e também do que o movimento e a atuação dos próprios sujeitos em fluxo

proporcionam. Constantemente as formas de receber, coordenar, invisibilizar, reconhecer e regular a vida dos sujeitos em fluxo se alteram, dependendo das forças que estão em jogo e dos interesses que as acompanham. Estou falando aqui da ideia de reconhecimento e da construção desse reconhecimento, conforme indicam as considerações de Augé:

“Clandestinos”, “sem documentos”, são palavras ou expressões que revelam um tipo à parte de certas categorias de imigrados, mas contrariamente ao que sugerem essas palavras e essas expressões, a existência delas é, com frequência, conhecida oficialmente. Simplesmente, ela não é reconhecida. Os clandestinos distinguem-se do início dos outros imigrados pela negação em tomo de sua existência. A categoria geral da imigração é inteiramente atingida por essa precariedade do estatuto. A qualidade de imigrado “oficial” não é uma segurança absoluta contra a transitabilidade na clandestinidade: um visto de turismo tem uma duração limitada, um visto de permanência também, as leis sobre imigração podem mudar em função da conjuntura política e econômica. (AUGÉ, 2010, p.50)

Os “clandestinos” são mais que isso: eles trabalham sem ser declarados; eles representam todos os perigos (mas, para seus empregadores, todas as vantagens) da deslocalização. Em todo caso, alguns dentre eles. Do desempregado ao trabalhador clandestino é apenas um passo. Assiste-se então à dissolução das categorias, ainda mais facilmente quando as diversas camadas da população se ignoram, mesmo se elas se acotovelam nos grandes centros comerciais ou nos transportes públicos das megalópoles. (AUGÉ, 2010, p. 62)

Atualmente outras preocupações e tensões passam a compor o campo de forças que constituem o cenário dos fluxos internacionais. Internamente e paralelo a esses fluxos e às conexões que se estabelecem, é possível reconhecer que outras formas de controle e práticas coercitivas de segurança intensificam-se a partir de certos discursos de urgência (AGAMBEN, 2004) que surgem, assim como

políticas de proteção restritivas, ambos articulados à defesa do Estado enquanto território restrito e à chamada Soberania Nacional. Com o prolongamento das relações transnacionais e com a intensificação do chamado processo de desterritorialização, concepções de nação, pertencimento, identidade e nacionalismos vão se expandindo e dando legitimidade para que os Estados tomem decisões e medidas para confrontar e subordinar as decisões e os planos individuais dos sujeitos que decidem por migrar, tornando esse um ponto importante a ser problematizado e desnaturalizado nos estudos promovidos pela antropologia em relação às migrações. Dentro desse contexto, como observa Appadurai (2004), que volta-se para as questões da modernidade e globalização, certas crises e desequilíbrios avançam sobre as estruturas dos Estados, principalmente a partir do momento em que essas alterações atingem diretamente os sistemas de controle e coerção que produzem os Estados-Nações. Nesse sentido temos que: [...] um exame mesmo que apressado das relações de dentro e entre os mais de 150 Estados-nações que são membros atuais das Nações Unidas mostra que as guerras fronteiriças, as guerras culturais, a inflação galopante, a imigração em massa de populações ou as fugas graves de capital ameaçam a soberania em muitas delas. Mesmo onde a soberania do Estado está aparentemente intacta, a legitimidade do Estado é, muitas vezes, incerta. (APPADURAI, 2004, p.36)

Como afirma Appadurai, situações como as proporcionadas pelos movimentos transnacionais, com a expansão do número de imigrantes, principalmente imigrantes indocumentados proporcionam também um momento de “crise terminal” ao Estado-nação, num contexto recheado de materiais favoráveis à criação de outro imaginário, denominado “pós-nacional”. Acompanhando os controles da cidade por parte das instituições de governo, o fluxo migratório e principalmente a atuação dos sujeitos internamente a esses fluxos, especulações como essas são fortalecidas à medida que os Estados, diante das ameaças da disseminação de tal hibridez, aumentam seus esforços para demarcar e controlar, ainda que aparentemente, os passos dos sujeitos que avançam para suas áreas. Seguindo a ideia, e também o que já foi citado acima em relação à presença das tecnologias digitais nas redes sociais migrantes, Appadurai oferece uma atenção particular ao que ocorre entre a comunicação de massas e as migrações, dois fatores que ele define serem base para o novo sentido que está sendo construído em relação à política cultural da modernidade global. O autor chama atenção para aquilo que sua análise denomina “esferas públicas da diáspora” (APPADURAI, 2004, p.38), esferas totalmente ligadas ao

contexto que emerge neste período contemporâneo e que, cheias de diversidade entre si, seriam os caminhos de uma ordem política pós-nacional, podendo revelar um sistema baseado em relações heterogêneas de fluxos globais e transitórios, talvez externo às costumeiras coercitividades partilhadas e produtoras de obediência nos Estados-nações.

É considerando um contexto de fragmentações e trânsito de esferas na vida social, econômica e política, que me direciono ao campo escolhido para pensar o que há por trás desse contexto, que em meio a tantas desterritorializações (CANCLINE, 1998, p.284) e análises globais, constitui-se também de experiências particulares vivenciadas pelos agentes que migram a partir de uma perspectiva local, onde as práticas e o conjunto de ações de cada sujeito envolvido têm muito a oferecer, responder e dar sentido às estruturas do que temos como global dentro da temática. Com um contexto que aglutina uma série de políticas sociais do sistema migracional acionadas e constantemente revistas para regular garantias e proteções aos Estados-nações que subsidiam os passantes, encontro uma intensa mediação de desejos individuais, projetos de vida e necessidades dos sujeitos migrantes a partir de um extenso sistema de regulação. Um sistema que controla a partir da expedição dos passaportes, da liberação dos vistos, da checagem de dados a cada travessia de fronteira, da autenticação de documentos, da criação de números de registros, do controle de bagagens, (o que se leva e também o que se traz de volta), do “lançamento no sistema”, da verificação e exigência do pagamento de seguros de saúde, da fiscalização e vigilância dos consulados, embaixadas, leis de cotas de visto e até mesmo a partir da possibilidade de negação dos pedidos de entrada, tanto quanto à deportação e prisão dos e/immigrantes indesejados, indocumentados, clandestinos.

Nesse mesmo caminho, temos as contribuições de Trouillot (2001), que tem o Estado como peça-chave no momento de refletir sobre o processo de globalização e que nos permitem questionar e problematizar quais são e como são esses encontros que os indivíduos e coletivos estabelecem com o Estados. Ao refletir sobre o trabalho antropológico na etnografia do Estado e suas instâncias, Trouillot destaca a profundidade dessa presença governamental na nossa vida, que impõe regimes e particularidades à formação social, e que pode ser percebida através dos efeitos de suas práticas estatais na vida dos sujeitos. Trouillot nos permite refletir sobre esses espaços entre os governos centralizados, as descritas margens por onde os indivíduos se localizam e se encontram com as instancias governamentais, e que

atualmente passam por processos de “re-espacialização”, onde as práticas, funções e efeitos do Estado se expandem para além do espaço nacional na produção de sujeitos. Ainda sobre esse processo, destaca-se os novos espaços menos óbvios pelos quais as políticas institucionalizadas e a burocracia se encontram e controlam a vida dos sujeitos cotidianamente, por meio de encontros que cada vez são menos óbvios e transparentes, na banalidade da vida cotidiana.

Como descrito acima, podemos pensar também esse Estado nos termos de uma rede inscrita por técnicas e dispositivos, aptos a definir e exercer governo na constituição dos modos de ser dos sujeitos (FOUCAULT, 2010a, p.5) e que constantemente trafegam pelo campo das migrações. Estou falando de uma sequência de técnicas inseridas na vida social dos sujeitos, em suas práticas comunicativas, políticas, narrativas, linguísticas, representativas, históricas, de ensino e também do saber (AGAMBEN, 2009) e que são detentores do exercício de certa *governamentalidade* (FOUCAULT, 2010a). Um exercício que é realizado à medida que vai consolidando seu próprio status de *dispositivo* circunscrito nas relações de poder estabelecidas, e que conta com práticas de produção de obediências e ajustamentos a partir do controle territorial. Considerando isto, estou observando que processos desse tipo são também produtores de subjetividades, e apesar de estarem sujeitos às potências das imprevisibilidades dos agentes que os vivenciam, representam uma situação de sobrecarga de regulamentação aos que migram, trazendo consequências particulares e individuais, mas também públicas, políticas e estruturais em termos de direitos e mobilidade. Quanto à possibilidade de ir, vir e transitar, que associa-se às políticas sociais de controle, estou também pensando em condutas e constituições de certos modos de ser que são compartilhados por um complexo diagrama intrínseco às decisões governamentais, e que proporcionam (e talvez exijam) certos padrões de comportamento, códigos linguísticos, hábitos, distinções, restrições e hierarquias aos que decidem migrar.

Resgatando em Michel Foucault a noção de poder associada à técnica e aos procedimentos pelos quais se pretende conduzir a conduta dos outros, é possível olhar para as políticas de controle dessa mobilidade do imigrante enquanto um elemento que atravessa formação de saberes, práticas discursivas, ações e reações dentro de um jogo pautado em certas regras de verificação, defesa de verdades elegidas e normas de padronização (FOUCAULT, 2010a, p.6). Inscritos na relação de poder, encontramos os *dispositivos* que podem ser considerados uma rede de cercamentos que tem o potencial para fabricar e moldar os

sujeitos, à medida que é realizado certo “modo de investimento político e detalhado do corpo” (FOUCAULT, 2009, p.134) por meio de uma prática coercitiva sobre aspectos simples do sujeito e da vida cotidiana. Com isso, e considerando as questões trazidas nas narrativas encontradas nesta pesquisa, é possível fazer o reconhecimento de que, para além de suas atuações e reações, sujeitos com experiências muito particulares e individuais convivem com determinados modos de dominação na situação de migrantes, modos que tentam condicionar suas práticas, seus movimentos e até mesmo seus desejos associados aos projetos de vida. Como observa Foucault no curso “Em defesa da sociedade”, ao estudar a questão do poder, e como esse poder se constitui, pensando as instituições reguladoras, encontra-se de um lado “as regras de direito que delimitam formalmente o poder” (2010b, p.21) e do outro, “os efeitos de verdade que esse poder produz, que esse poder conduz, e que, por sua vez, reconduzem a esse poder” (2010b, p.21), um triângulo: poder, direito e verdade. Nesse sentido, transpondo as palavras do autor para o campo dessa pesquisa, questiona-se como os discursos de verdade envolvidos nas situações de migração podem fixar os limites de direito e poder, num mecanismo de relação direta entre os três elementos, poder, direito e verdade. Como afirma Foucault (2010b), somos forçados a produzir verdades, o poder não para de nos questionar, não para de inquirir, de registrar. Ele institucionaliza a busca da verdade, ele a profissionaliza, num ponto onde a verdade é a norma e o discurso verdadeiro que decide, julgando, condenando, classificando e obrigando maneiras de viver e maneiras de morrer. Avançando na análise, nota-se que a questão aqui passa também pela constituição do direito no Ocidente, que tem sua raiz na Idade Média, representado pela ação dos juristas no poder administrativo e autoritário do rei, e que tem como papel essencial fixar a legitimidade do poder, numa associação entre teoria do direito e a soberania. Nesse sentido:

Dizer que o problema da soberania é o problema central do direito nas sociedades ocidentais significa que o discurso e a técnica do direito tiveram essencialmente como função dissolver, no interior do poder, o fato da dominação, para fazer que aparecessem no lugar dessa dominação, que se queria reduzir ou mascarar, duas coisas: de um lado, os direitos legítimos da soberania, do outro, a obrigação legal da obediência. O sistema do direito é inteiramente centrado no rei, o que quer dizer que é, em última análise, a evicção do fato

da dominação e de suas consequências.
(FOUCAULT, 2010b, p.24)

Pensando a questão da migração, e a forma como ela envolve o sistema do direito e o campo judiciário, principalmente no momento que os imigrantes são recebidos ao cruzarem as fronteiras para compor outras populações, temos um sistema de controles por parte das leis migratórias e políticas de defesa territorial, que se torna veículo permanente de dominação, envolvido por procedimentos de sujeição, associados à soberania e obediência. Como afirma Foucault (2010b, p.34), de fato, soberania, disciplina, legislação, direito da soberania e mecanismos disciplinares são peças constitutivas dos mecanismos de poder da nossa sociedade. Como descreve no trecho final de seu livro, os movimentos populacionais passam também a ser alvo dos mecanismos implantados pela biopolítica. A noção de população passa a ser compreendida dentro da ideia de manutenção de “estados globais de equilíbrio (2010b, p.207), numa tecnologia de poder sobre a população, uma regulamentação que faz viver e deixa morrer, intervindo diretamente na maneira como se vive e na manutenção dessa maneira de fazer viver. Estou falando aqui da descrita regulamentação pelo Estado (2010b, p.208), que no caso da migração atua não somente quando determina políticas sociais e leis associadas ao modo como indivíduo pode ou não transitar e se instalar nos territórios, mas também na forma como deixa de reconhecer e invisibiliza todos aqueles sujeitos que não cumprem com as exigências desse Estado. Não reconhecer, no caso da migração como por exemplo na vivência dos seus milhões de indocumentados, é também um exercício do poder político (2010b, p.202) regulador.

Levando em consideração todas as reflexões apontadas acima em relação ao sistema de controle que envolve essas migrações, é possível compreender melhor estudos como o elaborado pela investigadora Mae Nagai (2008), que acompanhou o histórico e o desenvolvimento das restrições à imigração e políticas de deportação nos Estados Unidos considerando o longo prazo que essas limitações levaram para se estabelecer e tornar a imigração ilegal um problema central na aplicação da legislação no país, gerando distinções administrativas e legais e permitindo a diferenciação entre estrangeiros e cidadãos. Como demonstra o histórico dessas políticas nos Estados Unidos partir da criação da Patrulha da Fronteira em 1925, da consolidação do Comitê de Imigração e da criação dos Atos de Imigração entre o período de 1921 a 1924, consolidou-se uma situação que permitiu apreensão e interrogatório de cada imigrante encontrado,

assim como a imposição de limites numéricos à imigração e aos sujeitos em trânsito. Como observa a autora, e como podemos também concluir a partir dos estudos de Foucault, essas situações coercitivas trouxeram para o estado moderno novos problemas administrativos (como se pode impor restrições?), jurídicos (como se pode definir soberania?) e também constitucionais (os imigrantes ilegais têm direitos?) (NGAI, 2008, p.8), além de trazer novos significados para a questão de inclusão e exclusão da nação criando assim uma “nova classe de pessoas dentro do *corpo* da nação – os estrangeiros ilegais – cuja inclusão na nação era simultaneamente uma realidade social e uma impossibilidade legal” (NGAI, 2008, p.9). Além disso, uma sequência de contradições provenientes dessas situações surgiram, desafiando noções de democracia e soberania e trazendo novas articulações de territorialidade para os Estados.

Nesse sentido Ngai (2008) observa como a aplicação dessas leis resultou em discursos políticos e legais de oposição, que determinavam imigrantes ilegais como merecedores ou não merecedores de direitos ou de privações desses direitos, como é o caso da deportação. Segundo seus estudos, os registros das deportações datam de períodos muito antigos, anteriores a 1794 já, nos períodos de colonização, e avançaram nos Estados Unidos principalmente após a primeira Guerra Mundial (NGAI, 2008, p.13), num contexto que favoreceu mudanças, nacionalismos e criação de um sentimento anti-estrangeiro. Esse movimento permitiu ao país a identificação das pessoas “deportáveis” ou não, assim como o maior controle das fronteiras e dos passaportes, parte de uma rede de controles e limites que passaram a determinar a legalidade ou ilegalidade dos sujeitos a partir determinações numéricas e cotas um tanto quanto abstratas, que na visão da autora, retiraram de cada corpo estrangeiro a individualidade pessoal e os direitos, alimentando assim um regime de restrições que desnacionalizou, desnaturalizou e limitou as pessoas durante longos períodos.

No sistema de nação-estado, os assim chamados direitos sagrados e inalienáveis do homem se mostram como vazados de qualquer proteção e realidade no momento em que eles não mais têm a forma de direitos pertencentes aos cidadãos de um Estado. (AGAMBEN, 1998, p.130)

Migração e as esferas de legitimidade.

Ainda assim, paralelo à dinâmica das políticas migratórias e da reflexão elaborada acima em relação ao Estado e suas políticas que

potencialmente agem de maneira coercitiva e controladora, no campo individual e coletivo, o cenário das migrações perpetua-se a partir dos projetos, expectativas, redes de articulação, dribles, alternativas, insistências, vivências e desejos que não cessam e não podem ser evitados, mas que se multiplicam a partir da prática das pessoas e daquilo que enfatiza alguma autonomia em relação aos Estados e políticas sociais que os atravessam. Nesse quadro, mudanças e travessias seguem em continuidade nas mais variadas formas, e muitas vezes independente das propostas institucionais, constituindo assim uma mescla de situações e tensões que podem (ou não) serem alteradas, e também a partir daquilo que as pessoas optam fazer do seu cotidiano. É exatamente devido a essa dinâmica de negociações inseridas nas relações de poder que o enfoque da investigação feita, mesmo ciente dos sistemas de controle, atentou-se primeiramente aos sujeitos, atores das situações observadas e aos desdobramentos oferecidos por suas próprias narrativas, acompanhando a relação que é traçada entre essas experiências e os movimentos reguladores que as acompanham.

Como já realizado por outros autores Judith Butler e Gayatri Spivak, novas formas de pensar e analisar a relação entre sujeitos e instituições se consolidam, considerando as experiências e os processos de subjetivação que estão envolvidos e que podem dar ao tradicional sentido das instituições, Estados e práticas reguladoras novos significados. Significados estes que partem dos modos de compreensão e processos de particularização dos sujeitos envolvidos, suas estratégias e ressignificações, ainda que inseridos nas assimetrias das relações que o campo constitui. Nesse sentido, o trabalho etnográfico se arrisca ao reconhecimento de outras esferas de legitimidade associadas às redes de pertencimento e outras modalidades de atuação dos sujeitos migrantes, que mesmo inscritos nas redes de controle dos dispositivos, a partir de seus projetos de vida, inserem-se e atuam nos novos territórios. Nesse sentido, as brechas entre Estado e fronteiras estão constantemente postas à prova e a tensão entre local e global deixa de ser lida por meio de visão binária, mas sim por meio de uma visão política, que adquire novos formatos, retirando do Estado sua condição de único árbitro do jogo. Assim, questionar a presença do Estado e relativizar sua atuação a partir das práticas que se constroem paralelas a ele, torna-se uma possibilidade de repensar as medidas migratórias e o que está além dos sistemas de garantia de direitos partilhados por elas.

Em “Quién le canta al Estado-Nación? Lenguaje, política, pertenencia”, Butler e Spivak (2009) debatem as novas condições associadas à ideia de Estado, nação e pertencimento, considerando as

expressões de suas variáveis político-culturais no campo das migrações e os processos e relações em que a ideia do nacional e nação se inscrevem a partir de novos símbolos e disputas de pertencimento. Nesse trabalho, Butler e Spivak analisam o caso de imigrantes mexicanos nos Estados Unidos, que em 2006 que passaram a cantar o hino norte-americano em espanhol junto ao hino mexicano, fazendo-o enquanto um protesto para pressionar o Congresso a aprovar o direito de residência legal e cidadania no país. Tendo como base o desejo de sua incorporação ao Estado-nação norte-americano, certo movimento subversivo e transgressor consolidou-se à medida que esses imigrantes não foram reconhecidos enquanto cidadãos ainda que fizessem parte de uma super exploração invisibilizada, sustentando economicamente o país. Com isso, o ato que teve impacto no governo norte-americano, proporcionou junto ao desejo de reconhecimento e legalidade futura, a contestação de modos de pertencimento e também dos critérios que controlam quem pertence e quem não pertence ao Estado e quem tem ou não o direito de exercer a liberdade a partir dos atos de linguagem e normas linguísticas (2009, p.84) compartilhadas, como por exemplo, entoar o hino nacional.

Butler e Spivak possibilitam uma reflexão em relação aos Estados globais e a forma como esses estados tornam-se lugares de poder. Observaram que o Estado não é a única forma de poder, e que nem sempre o estado é o estado-nação (2009, p.43), tornando-se também uma fonte de mal-estar ao expulsar e suspender modos de proteção em nome da defesa da nação, com exercícios de poder que dependem de barreiras, prisões e modos de reclusão, um estado de privação. No caso mexicano, Butler chama atenção para a situação das minorias consideradas “sem-estado”, que no sentido das coerções tornam-se reféns de um poder que não é o mesmo que a lei, mas que os priva de direitos e invisibiliza a partir do exercício político (2009, p.52), desqualificando-os enquanto sujeitos para a cidadania, como é o caso de grande parte dos imigrantes considerados ilegais e também dos refugiados de guerras. Ainda nesse trabalho, em diálogo as autoras retomam a reflexão trazida por Hannah Arendt sobre a ideia de liberdade, considerando os *habitantes ilegítimos*, que mesmo inseridos em um Estado, são categorizados como sem-estado, não qualificados para pertencer à nação, visto que esta necessita garantir sua legitimidade com base na normatividade, na classificação e na pureza. Discute-se ainda, com referência à pesquisa de campo, conceitos de Arendt e Agamben em relação à soberania, os discursos de urgência e o estado de exceção, problematizando a produção dos sujeitos sem-estado, que é

feita discursivamente, dentro de um campo de poder e a partir da privação dos direitos (2009, p.64). Como exemplo dos excessos e prejuízos dos nacionalismos, as deportações são citadas enquanto momento de excelência dessa soberania (2009, p.116) territorial, assim como as invasões extraterritoriais ou as bases de detenção (como Guantánamo), ambas operadas principalmente pelos Estados Unidos. Ainda assim, o destaque da discussão envolve a noção de cidadania que vai sendo conquistada e garantida por esses imigrantes a partir de outros meios, talvez menos legítimos, mas que inserem suas demandas no campo de disputas e materializam-se enquanto ações de desejo e direitos adquiridos.

Considerando o caso dos mexicanos imigrantes indocumentados que se apropriam e cantam o hino nacional norte-americano em espanhol, marchando para exigir direitos e reconhecimento nos Estados Unidos, as contribuições de Foucault alimentam o debate ao reconhecerem que esses dispositivos reguladores associados aos Estados-nações também estão ligados aos processos de subjetivação, numa rede que articula e pauta determinadas práticas e modos de enunciação, mas que ao mesmo tempo comporta agenciamentos e reações de não assujeitamento. Nesse sentido, é necessário compreender que a rede do dispositivo e as técnicas de maneira geral “implicam um processo de subjetivação sem o qual não pode funcionar como dispositivo de governo” (AGAMBEN, 2009, p.46), um controle que é previsto, mas que também prevê uma esfera de restituição para o livre uso, associada diretamente ao desejo demasiadamente humano pelo qual o dispositivo também é composto. Nesse sentido, o conceito *profanação* surge agregando possibilidades que possam restituir usos comuns fora das áreas de consagração, trazendo-os para a esfera humana, para a esfera dos sujeitos que se apropriam, enfim para a esfera da resistência. Como podemos encontrar em várias obras de Foucault, principalmente em seus escritos sobre a sexualidade, vigilância e punição, a cada instante as relações de poder suscitam necessariamente a possibilidade de uma resistência, de um posicionamento contrário, de uma luta tão legítima e estratégica quanto as condições de existência desse poder. Assim como temos nos estudos da migração, a potência dos agentes que reconhecem linhas de fuga pelas quais podem percorrer e enunciar compõem um quadro ainda mais complexo na relação entre sujeitos e Estado, principalmente quando esses sujeitos situam-se na perspectiva de ilegítimos, ilegais e indocumentados.

Pensando a migração e tratando-se de reconhecer resistências em meio às dominações, Deleuze e Guattari destacam que para além dos processos de subjetivação, novos tipos de “acontecimentos” (1992, p. 218) se dão a partir de relação que é criada no contato com os dispositivos, mesclando questões da ordem íntima dos envolvidos à uma esfera que apesar da rede de disposições, não é totalmente rígida em relação ao disciplinamento desse corpo e dessa mente. Assim como contextualizam os sistemas de controle de domínio pulverizado, a aderência ao dispositivo parte também de um movimento espontâneo de identificação, aceitação e reconhecimento, além de uma obrigação condicionada, onde condiciona-se à medida que se adere e o que se disputa não é apenas a rigidez de uma conduta, mas também os elementos que influenciam e direcionam essa conduta. Muito mais do que um controle da fronteira que se cruza, um controle sobre como trabalha, com que trabalha, o que se consome e que direitos se exclui, se adere e se ambiciona. Na migração podemos pensar no processo de adaptação e na forma como vai se viver.

Migração e projetos de vida no “fazer a América”.

Retornando ao encaminhamento central do trabalho, destaco que todos os autores, teorias e perspectivas citados acima foram selecionados com o objeto de situar, contextualizar e reconstruir o cenário que envolve e representa hoje o pensar e investigar a migração. Considerando cada experiência particular, que de alguma maneira é atravessada pelas questões descritas acima, volto-me a Poços de Caldas e à forma como a história dessa cidade também se associa aos fluxos migratórios e aos Estados Unidos, num movimento que mescla demandas locais e tensões internacionais a todo tempo. O porquê desse destino e a relação que ele possuiu com a construção de um universo simbólico na cidade são questões que fazem parte não só dos projetos familiares, planos de vida e trajetórias pessoais, mas também da própria história da cidade e de como essa história integra-se às reflexões em relação a garantia de direitos, manutenção da soberania, construção de reconhecimento e conquista da cidadania, numa análise que todo tempo associa-se aos movimentos globais e seus desdobramentos políticos.

Considerando os trabalhos de Gláucia O. Assis (2002), que pesquisou densamente a migração dos mineiros de Governador Valadares para os Estados Unidos e outros movimentos migratórios envolvendo o Brasil, nota-se que o grande projeto compartilhado de “ir para América” (ASSIS, 2002), consolida-se nas relações entre aqueles que emigraram e aqueles que permanecem, fazendo parte da experiência

de vida de ambos os grupos. Nessa experiência, outros meios de manutenção da realidade são partilhados, exercendo assim uma continuidade da convivialidade entre os que estão no exterior e os que ficaram. Nessas situações, a construção de planos em comum para materializar as promessas são alternativas para estruturar as relações familiares (MACHADO, 2009). Como pude observar na situação de Poços de Caldas, assim como observa Assis (2002) em outros casos, a emigração torna-se parte da vida cotidiana da cidade, como se migrar fosse uma experiência quase que natural. Nesse processo de naturalização da migração, um desencadeamento do sonho “fazer a América” (ASSIS, 2002), todo um imaginário da imigração é construído, permeando os relatos cotidianos e as trajetórias em curso e permitindo assim a elaboração daquilo que Glaucia, inspirada nas propostas de Guattari e Rolnik (1986), vem chamar de cartografia da migração, onde os relatos vão dando pistas para mapear sentimentos e conflitos do se estar fora do lugar no impacto com o novo.

Considerando que muito já se falou e questionou em relação aos movimentos migracionais, a tentativa de descentralização do foco em análises macroestruturais surge como nova opção, favorecendo uma centralização nos atores sociais em fluxos e suas experiências particulares, que dão constantemente novos sentido aos estudos da área. Não basta mais investigar as causas e porcentagens, mas sim a forma como essas mudanças se configuram, se sustentam e se consolidam, proporcionando a realização de sonhos, planos e a criação de mais expectativas. Nesse sentido, o questionamento de Assis (2002) em relação ao que revelam os sentimentos nas experiências migratórias reforçam uma abordagem que parte para a pesquisa de sujeitos e hábitos distintos, mas que assim como descreve Maluf (2010), pensa essa série de práticas a partir dos elementos que as unificam, numa tentativa analítica de refletir sobre o que fazem esses sujeitos, como eles enunciam o que fazem, como seus enunciados se constituem na práxis social consolidada (MALUF, 2010, p.9) e qual é o sentido produzido em cada enunciado. Falo aqui de um itinerário de narrativas, discursos e agenciamentos a partir da vivência das leis de regulamentação das políticas sociais. *Que tipo de agência utilizam?* (ASSIS, 2008, p.224); o que marca essas trajetórias, onde se localizam os requisitos e convenções, quais são os tensionamentos em jogo, o que realmente está em jogo, negocia-se e quem negocia são algumas das questões que demarcam a ambiguidade e a complexidade do processo de migração e que, de alguma maneira, atravessam a problemática do campo feito aqui. Como afirma Assis (2008, p. 231), migrar é também uma relação

de risco à segurança nacional, um espaço em disputa, uma necessidade do mercado, uma consequência do novo contexto de novas identidades culturais; um ato que transpõe fronteiras e reconfigura ações, agentes e também seus processos de subjetivação, e, o caso da cidade de Poços de Caldas, pode proporcionar uma série de problemas e questões que, apesar de específicos e regionais, fornecem elementos que contemplam o leque de reflexões descritas até o momento, sendo esse o objetivo dos capítulos seguintes deste trabalho. Nesse processo, interseções, ecletismo da vivência, confluência e pluralismo (MALUF, 2010) consolidam uma abordagem multifocal que permite reconhecer os problemas de um enfoque meramente institucional ou meramente individual. Com o foco nos agentes, mas sem abandonar as instituições enquanto recurso metodológico, a perspectiva relacional das negociações avança e a pluralidade de designações que só são alcançadas nas experiências de cada sujeito (MALUF, 2010) destacam-se, narrando um objeto que não é novo, mas que reconfigura-se e reinventa-se (WAGNER, 2010) ao passar dos anos, avançando pelos campos das microrrelações e das políticas sociais que as envolvem.

CAPÍTULO II - *Poços de Caldas e a migração: a cidade na trama*

Nesse segundo capítulo, tenho a intenção de esclarecer e esmiuçar algumas questões em relação à migração na cidade de Poços de Caldas, assim como os impactos desse fluxo na dinâmica e no cotidiano da região e nas práticas de sua população. Considerando todas as questões apontadas anteriormente, é necessário compreender como Poços de Caldas situa-se na trama, numa situação permeada de elementos particulares da própria cidade, que tangenciam as narrativas e desenham o campo de pesquisa investigado. Além de descrever cada um dos elementos que compõem este cenário de migração, destacarei também nesse capítulo a forma como a questão da migração é representada pela mídia local, considerando a maneira e o discurso desses veículos de informação em relação à vida nos Estados Unidos. O destaque vai para a seleção de uma sequência de notícias de jornal associando a cidade mineira ao país estrangeiro, ilustrando o contexto no qual a cidade se insere, atrelada aos trânsitos migratórios e ao imaginário do “fazer a vida na América”. Além disso, outros veículos de informação como o canal de TV local serão explorados à medida que também se relacionam diretamente com os fluxos entre as duas cidades.

Como já introduzido, Poços de Caldas, cidade sul mineira de aproximadamente 160 mil habitantes, traça uma interessante relação com a cidade de Mount Vernon, em Nova York, nos Estados Unidos, baseada na saída de seus habitantes principalmente na busca de trabalho. Nesse sentido, a história da migração na cidade, que já passa dos seus trinta anos de existência, acompanhou a movimentação nacional do país posterior ao momento de crise nos anos 1980, quando um grande número de brasileiros saiu em busca de melhores condições de vida e oportunidades financeiras. Na cidade, o ideário da vida no exterior foi construído aos poucos, e atualmente permeia diversas esferas, sejam elas do âmbito institucional ou o íntimo de seus moradores. Considerando isso, observar o cotidiano da cidade mineira tornou-se prática de pesquisa que proporcionou o reconhecimento de traços dessa cultura migratória associada aos Estados Unidos e à elaboração de algumas questões em relação a como se dá essa conexão e quais fatores possibilitam e mantêm o intenso movimento migratório desses brasileiros. Vale destacar que antes mesmo de pensar em elaborar o projeto desta pesquisa, passei a perceber pequenos detalhes na composição da cidade, principalmente no centro urbano, que facilmente se tornaram pistas sobre os processos migratórios. Um breve olhar sobre estabelecimentos como os salões de beleza, restaurantes, cafés ou lojas comerciais enxerga em cada um desses locais grande número de

certificados em inglês, todos emoldurados e expostos nas paredes para comprovar origens de formação e experiência dos trabalhos feitos ali mas qualificados no exterior. Entre os certificados é possível encontrar também fotos emolduradas e até álbuns de famílias nas viagens aos Estados Unidos para o cliente folhear enquanto aguarda ser atendido.

Além de detalhes como os observados nesses estabelecimentos, a ausência de membros da família ou boas novas vindas da América são temas que constantemente surgem entre as conversas rotineiras das mesas de bar, filas de banco e pingados de padaria. Da mesma maneira, é possível observar as consequências da migração no crescimento da cidade e seus novos bairros, como é o caso dos conhecidos “*Novo Mundo I*” e “*Novo Mundo II*”, novas regiões valorizadas, caracterizadas pelas construções residenciais luxuosas, inspiradas nos casarões norte-americanos de lugares como Flórida, Miami, Nova York. Como parte do cenário é possível observar que até mesmo bairros mais tradicionais da cidade, como o “*Jardim dos Estados*”, região central onde fui criada, também fazem parte da história dessa migração, com suas grandes construções visivelmente inspiradas na estética norte-americana, principalmente nos períodos natalinos, como o caso da onda de enfeites que ocupavam a Avenida Doutor David Benedito Ottoni nos meses de dezembro, trazendo moradores para observar a região durante a noite. É interessante destacar que o desenvolvimento e atividades dessas regiões também se associam à presença das igrejas protestantes como as batistas, metodistas e presbiterianas, que são grandes núcleos concentradores de emigrantes, como no caso do bairro Jardim dos Estados, e que movimentam a rota Poços de Caldas e Mount Vernon, assim como o desenvolvimento da construção civil na cidade. Além dessas questões, durante alguns anos foi possível encontrar na praça principal da cidade a simulação de uma casinha norte-americana com estruturas de madeira e decoração interna, aberta a visita do público. Na frente da casinha decorada com os enfeites natalinos, um cartaz com a frase “New York, um sonho brasileiro” recebia o destaque e chamava atenção dos passantes para visita ao espaço.

Além dessa breve descrição, um outro importante elemento é necessário para compreender como a cidade situa-se na trama, visualizando a posição que ela ocupa e considerando sua relação com a região de Mount Vernon em Nova York. Por meio de um Ato de Irmanação as duas regiões se conectaram, o que proporcionou para a região particularidades um tanto quanto curiosas. Assim como nos

relatou o jornalista entrevistado e também as notícias dos jornais³ locais da época, em abril de 2005 já se anunciava a consolidação do título de cidades-irmãs entre as duas regiões. De acordo com o que foi documentado ao longo dos últimos dez anos, Mount Vernon possuía uma expressiva colônia Poços-caldense e a ideia do documento gerado seria a de promover políticas públicas que visassem aproximar as duas cidades, melhorando a qualidade de vida da população. O mais interessante do vínculo é que ele partiu da iniciativa de Pedro Coelho, poços-caldense morador de Mount Vernon há 16 anos e dono da famosa padaria brasileira “PadaMinas”, que elaborou o convênio entre as duas cidades com o objetivo de “promover a integração cultural, observando as potencialidades, e dificuldades de ambas as cidades para que pudessem desenvolver ações em conjunto” (COELHO, 2006 – <http://www.comunidade news.com>). Como divulgam as mídias locais, o projeto foi inspirado no convênio entre Framingham e Governador Valadares, que também ocorreu devido ao grande número de Valadarenses na região, e em Poços de Caldas se iniciou com o envio do pedido de parceria pela Câmara de Vereadores ao então prefeito de Mount Vernon, Ernest David. Em novembro do mesmo ano o prefeito norte-americano veio ao Brasil para realizar a troca de papéis e oficializar o Ato de Irmanação através da Lei nº 8.191 de 21 de Outubro de 2005⁴. Posterior à assinatura do Ato de Irmanação, o prefeito da cidade de Poços de Caldas na época, Paulo César Silva, recebeu as chaves de Mount Vernon e o título de cidadão da cidade, buscando assim estreitar as relações entre os dois municípios e o mais de seis mil poços-caldenses que lá residem, como descreve o informativo “Comunidade News” do período (2005). Observando uma sequência de notas e matérias sobre o acontecido no município, a discussão tomou os jornais e a esfera pública da cidade, que por muito tempo passaram a divulgar manifestações e comentários de figuras importantes do município sobre ocorrido. Como publicado, segue um dos primeiros comentários do prefeito de Poços de Caldas sobre o assunto:

É importante que se tenha a dimensão da importância que essa visita tem para os brasileiros que estão lá. A situação em que eles estão não foi uma escolha deles, só estão naquela região porque não tiveram oportunidade aqui no nosso país. Estar lá, levar nossa solidariedade e

3 <http://www.comunidade news.com/local/pocosdecaldasemountvernonseraocidadesirmas-1320>. Acessado em 21/02/2014

4 <http://cm.jusbrasil.com.br/legislacao/622024/lei-8191-05>. Acessado em 4/03/2014

saber dos seus clamores é o mínimo que nós podemos fazer porque, na realidade, nós somos responsáveis por isso, temos que assumir a responsabilidade de que a grande maioria dos brasileiros que lá se encontra só está nessa situação, passando por dificuldades enormes diante da crise, porque nós somos responsáveis por isso. (SILVA, Paulo César , 2005 – Prefeito de Poços de Caldas em <http://pref-p-caldas.jusbrasil.com.br/politica/8374136/prefeito-recebe-titulo-de-cidadao-de-mount-vernon>)

Neste mesmo período, muitas matérias foram veiculadas com o objetivo de expor a importância da presença das autoridades brasileiras na região de Mount Vernon e também das visitas de autoridades na região para chamar a atenção sobre a situação desses brasileiros e suas dificuldades, além de destacar a relevância do trabalho desses brasileiros, que estimula o desenvolvimento do país e sua economia. A partir da assinatura do Ato de Irmanação, outras manifestações de estreitamento dos laços entre o Brasil e os Estados Unidos foram manifestadas e passaram a ser acompanhadas pelos jornais locais que divulgavam as situações de aproximação entre a região sul mineira e as cidades no entorno de Mount Vernon, como por exemplo o caso de Westchester, que declarou o dia 20 de Setembro como o dia do Brasileiro na região.

Dando sequência ao contexto que se consolida no ano de 2005 na cidade de Poços de Caldas, é possível observar que a migração, dado ao contexto social instaurado, interioriza-se nas práticas culturais, tornando-se elemento chave na continuidade da história da cidade e também nos processos e decisões administrativas dos órgãos locais. Da mesma maneira, é possível observar que além do discurso que tradicionalmente envolvia preocupação dos governantes com a migração de brasileiros para os Estados Unidos, as consequências dos trabalhos sem registro e as travessias ilegais, uma valorização da relação entre as duas cidades e da contribuição dos poços-caldenses com o desenvolvimento da região de Mount Vernon, passou a sustentar e direcionar discursos e práticas locais. Como podemos observar na matéria divulgada em Dezembro de 2011 pelo *Portal Brazilian Voice*⁵, também pelo informativo online do *Sindicato Nacional dos Servidores do Ministério das Relações Exteriores*⁶ e retransmitida pelos telejornais

5http://www.brazilianvoice.com/bv_noticias/bv_comunidade/41939imigrantes-brasileiros-revitalizam-economia-em-suburbio-nova-orquino.html. Acessado em 21/03/2014

6 <http://www.sinditamaraty.org.br/post.php?x=1298> . Acessado em 13/07/2014.

locais na mesma época, “imigrantes brasileiros revitalizam economia em subúrbio nova-iorquino”, onde a população brasileira que constitui mais de 10% dos 72 mil residentes de Mount Vernon passou a ser observada como fator de aquecimento e desenvolvimento da economia da região, além de representar uma mudança demográfica na região que até então era um subúrbio de Nova York. Na matéria, destacou-se as novas decisões da região para incorporar os brasileiros em suas atividades regulares, como por exemplo a aquisição de um policial fluente em português para o departamento do município de Mount Vernon, através de uma campanha de recrutamento via jornais e canais de TV e também a incorporação desses trabalhadores em outras esferas como o comércio, instituições de ensino e até mesmo em setores de saúde. Na mesma matéria o evidente fluxo de imigrantes brasileiros em lojas, salões de beleza e restaurantes que servem à população local ganhou destaque, assim como na venda de alimentos, produtos brasileiros e remessas de dinheiro ao Brasil, fatores que de acordo com os entrevistados, proporcionam ao imigrante não sentir dificuldade em se ajustar à nova vida no país, como o caso do restaurante Brazil 2000, onde a proprietária e cozinheira Francisca Silva Villela prepara com frequência a tradicional feijoada, sanduíches batizados com os nomes de estados brasileiros e brigadeiros. Outro destaque foi para o Brazilian Civic Center⁷, também conhecido apenas como Civic Center, uma entidade voltada para o lado educacional no processo de imigração brasileira nos Estados Unidos. O Civic Center descreve esse lado educacional enquanto um processo cívico e pedagógico e nesse sentido presta assistência a toda a comunidade brasileira no Condado de Westchester, oferecendo aulas de inglês e promovendo a participação dos imigrantes em campanhas de doação de sangue, grupos escolares e times de futebol, além de oferecer o serviço de despachante. Em Mount Vernon, como divulgam os portais da comunidade brasileira nos Estados Unidos, as iniciativas de integração da comunidade brasileira, como é o caso dos tradutores, são elogiadas mas carregam preocupações, principalmente à medida que essa interação com alta quantidade de imigrantes indocumentados aproxima possibilidades de deportação e denúncias. No geral, podemos pensar a partir de todos esses elementos, no que esse trânsito produz e quais são as consequências desses fluxos na produção de novas dinâmicas locais.

⁷<http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/a-comunidade/associacoes-brasileiras-exterior>. Acessado em 10/06/2014.

Como parte deste processo de integração, a questão da polícia de Mount Vernon e sua relação com os brasileiros poços-caldense foi uma situação que ganhou destaque não só nos jornais da região, mas também em noticiários online como o da *BBC Brasil*⁸ e também o *ESTADÃO*⁹, principalmente devido aos desdobramentos provenientes das ações tomadas posteriormente à declaração do Ato de Irmanação e da repetição dos atos de violência envolvendo os imigrantes. Sendo um fator que também surgiu nas entrevistas feitas ao longo do trabalho de campo e que serão abordadas no próximo capítulo desse trabalho, a região de Mount Vernon está enraizada em desdobramentos políticos econômicos e sociais que contribuíram para o enegrecimento e sua consolidação enquanto subúrbios pertencentes a região industrial do Estado de Nova York, demarcada por conflitos urbanos entre gangues, manutenção de guetos, disputas territoriais, delimitações entre bairros, conflitos raciais e processos de identificação, reconhecimento e preconceito. Nesse contexto de criminalizações e desigualdades da região considerada periférica e marginal por muitos entrevistados, os imigrantes brasileiros foram se inserindo ao longo dos anos, passando a partilhar e constituir os conflitos sociais existentes, tornando-se também alvos das disputas por melhores condições e trabalho, criando também suas regiões de identificação dentro da cidade. Nesse contexto, no período de abril de 2008, visando à integração entre a região e imigrantes e a aproximação da comunidade brasileira no combate à criminalidade, a cidade passou a contratar brasileiros para fazer parte da polícia. Como afirma o Comissário de Polícia David Chong, a Capitã de Operações Especiais, Barbara Duncan e dois chefes de patrulha, o crescimento da comunidade brasileira de Mount Vernon é um dos motivos para a polícia querer esta aproximação e uma das preocupações da polícia, que segundo o Comissário Chong, é combater os crimes em que os brasileiros são vítimas, já que muitos brasileiros não procuram ajuda porque não falam inglês e essa falta de comunicação dificulta a ação da polícia na captura aos criminosos. Além de policiais brasileiros, a busca por tradutores contratados pela polícia explica-se pelo problema de comunicação e também pelo medo que muitos brasileiros têm de

⁸http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/04/080425_polician_ybrasil_01.shtml. Acessado em 10/07/2014.

⁹<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,policia-nos-eua-quer-brasileiros-no-combate-ao-crime,162681>. Acessado em 13/07/2014.

denunciar por causa da situação irregular. De acordo com os oficiais de Mount Vernon, esse medo não deve ser empecilho já que, como afirmam, eles estão lá para “ajudar e proteger vítimas sem procurar pelo status migratório de ninguém” (CHONG, 2008), acrescentando que só se interessam em saber o status migratório do imigrante se ele for o criminoso. Além dessas declarações, os comissários da polícia local explicam que “crime é estar armado, matar ou roubar alguém, mas procuram divulgar para a população que dirigir com carteira de outro estado não é considerado crime, assim como dirigir com carteira internacional só é permitido quando a permanência do imigrante no país estiver válida. “Não é uma decisão nossa, é uma lei do estado de Nova York. O motorista não vai ser preso, vai apenas levar uma multa”, esclarece o comissário.

Além das traduções e contratações de brasileiro, para tomar conhecimento dos problemas mais comuns na comunidade brasileira e “tentar solucioná-los”, como afirmam em entrevista ao portal Comunidade News (2008), a polícia de Mount Vernon realizou encontros com membros da comunidade, com o auxílio do Civic Center para esclarecer dúvidas, principalmente em relação à segurança nas ruas, casas e escolas, oferecendo informações em relação a como se proteger de qualquer envolvimento com as gangs da cidade. Na mesma matéria informam que já existem voluntários disponíveis a ajudar a polícia e os imigrantes brasileiros, principalmente como intérpretes em emergência envolvendo imigrantes brasileiros, mas que sua meta mais importante ainda é a contratação de policiais brasileiros, principalmente daqueles que são filhos de brasileiros, nativos, que frequentam escolas secundárias em Mount Vernon e que têm potencial para serem contratados aos 18 anos, quando começarem a pensar em suas carreiras.

É interessante observar como todo o cenário da migração vai se refazendo e alterando ao longo dos anos na região, ganhando novas características e outros elementos integradores. Elementos esses que vão ocupando o lugar de preocupações iniciais, como por exemplo as denúncias de abusos e os perigos da ilegalidade acompanhados pelo programa de TV “Nem York, um sonho brasileiro”¹⁰, ou como os confusos trâmites no desaparecimentos de emigrantes e o transporte de corpos, que deram origem à consolidação da sede ONG BAE na cidade de Poços de Caldas. Intercalada com a questão específica da polícia e sua curiosa intenção de integrar-se à comunidade brasileira com a

10 O programa será descrito de forma detalhada no próximo tópico desse capítulo, assim como a presença da ONG BAE de apoio ao emigrante.

contratação de brasileiros e tradutores, e também com acordos em relação ao aceite de documentação, como é o caso da notícia divulgada pelo Comunidade News em junho de 2008 sobre o novo acordo entre policiais e brasileiros para aceitação da carteira consular brasileira como forma de identificação no trânsito, encontrei também notícias associadas a outras esferas que podem dar uma visão ainda mais ampla ao leitor em relação aos desdobramentos e significados dessa migração, que vai se complexificando e sendo construída num cenário muito particular, e que permite também a construção e uma reformulação da noção sujeito migrante e do que representa, especificamente, ser um imigrante brasileiro.

Nesse sentido, é interessante destacar que depois da assinatura do Ato de Irmanação em 2005, documentos como diploma de gratidão, cartas de agradecimento, concessão e título de cidadão, recebimento das chaves da cidade e outras homenagens passaram a ser trocadas entre as duas regiões, como a Lei nº 8190, oferecida ao prefeito de Mount Vernon em razão da “boa acolhida aos milhares de brasileiros e centenas de poços-caldenses residentes naquela comunidade”. Da mesma maneira é possível encontrar muitas notícias, principalmente entre os períodos de 2005 a 2012, que divulgam além das festas comemorativas na região de Mount Vernon associadas ao Brasil, como a comemoração do 7 de Setembro, o “*Brazilian 4 You Day*”, teatros e shows de música brasileira, como homenagem feita a Luiz Gonzaga incluindo apresentação da música Asa Branca em versão traduzida para o inglês. Além disso, matérias sobre o trabalho de brasileiros em Mount Vernon, o acompanhamento das greves, o trabalho das ONGs, dos voluntariado tradutores, dos consulados itinerantes e projetos sociais das prefeituras envolvidas que beneficiam as cidades ganham destaque, como é o caso da visita do Brazilian Civic Center a Poços de Caldas, que além de conhecer e avaliar as instalações do Hospital da Santa Casa na cidade, doou muitos equipamentos para a instituição. Considerando isso, e com objetivo e ilustrar os caminhos por onde a relação entre as duas cidades andou, o segundo momento dessa pesquisa foi dedicado à leitura e seleção das matérias de jornais que circularam entre as duas regiões e apontaram redesenhos para a relação entre as localidades. É possível observar que após anos da construção e consolidação de um fluxo migratório e de uma rede social altamente articulada na região de Mount Vernon, as vias institucionais, anos depois, acabaram por aderir e reconhecer as relações traçadas ali, assim como a influência direta do trabalho desses imigrantes na economia, na cultura e também na atuação política das duas cidades. Foi nesse mesmo período que a região passou

a estar presente nos estudos migracionais voltados à região de Minas Gerais e Estados Unidos, como no caso de Governador Valadares. Além das preocupações tradicionais associadas às travessias clandestinas e às migrações ilegais, a preocupação com o sistema de garantias de direitos que envolviam esses imigrantes e a noção de cidadania passaram a ocupar espaços na mídia e no cotidiano do setor administrativo das cidades. Ainda que a migração ilegal continuasse existindo, assim com as travessias clandestinas, a contratação de atravessadores, as relações de exploração e todas as outras consequências dessa migração sem documento, é possível observar que o enfoque mudou a partir das intenções de reconhecimento e legitimação que partiram dos governos de ambas as regiões, num movimento que por diversos motivos naturalizou ainda mais a relação da cidades e dos moradores de Poços de Caldas com a situação da migração para os Estados Unidos.

Na sequência de notícias selecionadas é possível observar um aprofundamento da relação entre as duas cidades, que apesar de já consolidado no período anterior, recebeu novos direcionamentos a partir da assinatura do Ato de Irmanação. Além disso, é possível encontrar uma série de outros fatores culturais que circulam entre as duas regiões, e que de certa maneira contribuem para a manutenção do contingente de poços-caldenses que anualmente se mudam para os Estados Unidos e sustentam o ciclo de intercâmbio entre as duas regiões, assim como o imaginário transnacional que se forma. Como descrito por Appadurai (2004) encontramos esferas públicas da diáspora, onde mesmo com todos os esforços e recente envolvimento dos Estados para manutenção do controle sobre a situação migratória, um movimento pós-nacional consolida-se, indo além das delimitações territoriais e da autonomia de cada Estado-nação.

Na tabela abaixo selecionei as notícias a partir do histórico digitalizado dos portais brasileiros de imigrantes da região sul de Minas que estão nos Estados Unidos nos períodos entre 2004 e 2012. Os noticiários escolhidos foram o “Comunidade News” e o “Brazilian Voice” e também dos jornais locais poços-caldenses, o Jornal Poços de Caldas, o Jornal Mantiqueira e a TV Poços. As notícias foram acessadas entre os períodos de Janeiro a Julho de 2014 e podem ser acessadas através dos links, além de estarem disponíveis na versão impressa nos arquivos pessoais da ONG BAE:

- 1) <http://www.mantiqueira.inf.br/>
- 2) <http://www.comunidadenews.com/>
- 3) <http://www.brazilianvoice.com/>
- 4) <http://www.jor-cidade.com.br/>

Como o objetivo é apenas redesenhar o contexto, selecionei apenas os títulos e subtítulos das notícias que, de maneira resumida, permitem ao leitor compreender como a questão da migração se esparrama por diversas esferas das duas cidades e como ela promove uma abertura de outros setores ao envolvimento com os Estados Unidos e com o que provém da imigração. Ainda assim, é interessante lembrar que toda esta situação consolida-se muito antes de qualquer relação ou “reconhecimento” institucional, o que dentro da história da cidade surgiu recentemente, a partir de 2005. Entre Leis, o trabalho da ONG, a troca de documentos e visitas de reconhecimento entre as prefeituras, as ações individuais e coletivas associadas aos agentes migrantes, os sujeitos dessa pesquisa, são os principais elementos que marcaram, construíram e vivenciaram nesses 30 anos de história rotas, travessias, riscos, recompensas, consequências, tensões, conflitos, benefícios e dribles, consolidando assim redes de sociabilidade para compartilhar não só práticas e hábitos culturais, mas a própria construção do que representa ser imigrante nessa região. Repito, uma construção que é anterior a qualquer movimento de oficialização e que ao longo desses anos, além de uma condição calcada na história do país e dos fluxos que surgiram no final dos anos 80, tornou-se um elemento identitário, um modo de alteração do status social, uma prática cultural compartilhada e posteriormente a uma condição de marginalidade, também uma forma de alcançar reconhecimento enquanto possível cidadão de direitos. Ainda assim, conforme a situação que se desenha ao longo dos anos, e que pode ser acompanhada nos conteúdos das notícias divulgadas a seguir e nas narrativas dos sujeitos migrantes entrevistados, volto a pensar sobre os sujeitos e instituições envolvidos, considerando as maneiras pelas quais eles vão se articulando à medida que as tentativas de controle vão surgindo não só nas relações, mas principalmente nos discursos produzidos. No caso da cidade, acompanhando a trajetória das notícias, observa-se como as preocupações e também as coerções associadas ao sistema de garantia de direitos se consolidam à medida que aproximam os movimentos dos sujeitos migrantes às necessidades e intenções das prefeituras de cada local, incluindo-os nos discursos oficiais primeiramente como um grupo de risco e preocupações devido as situações de ilegalidade e perigos, e posteriormente a partir do reconhecimento e exaltação do seu trabalho e atuação em Mount Vernon. Considerando a forma como as relações de poder se estabelecem e afetam-se mutuamente, num contexto que amarra mobilidade a partir da migração, políticas sociais locais e atuação dos sujeitos, anexo então a listagem das notícias associadas a

Poços de Caldas e sua relação com Mount Vernon, buscando assim ilustrar o quadro que se desenha e que pode preparar o leitor para o capítulo seguinte, enfim voltado às narrativas dos sujeitos entrevistados em campo.

11/28/2007 [Torneio de futebol ajuda crianças carentes de Poços de Caldas: Renda arrecadada com evento servirá para a compra de livros e ajuda escolar. Acessado em Junho/2014](#)

10/21/2009 [Campanha em Mount Vernon beneficia hospitais de Poços de Caldas. Uma intensa campanha resultou em doações de equipamentos hospitalares para hospitais e creches da cidade. Acessado em Maio/2014](#)

02/03/2009 [Sobrinha e ex-companheira de mineiro morto contestam matéria. Ambas dizem que tiveram contato com a polícia logo após a morte do brasileiro. Acessado em Março/2014](#)

07/29/2008 [Brasileiro residente de White Plains, NY, morre em acidente de carro. O carro de Andrew Andrade se chocou contra a mureta central da pista. Acessado em Abril/2014](#)

05/28/2008 [Estudante americana ajuda crianças carentes de Poços de Caldas. Jessica Ludd foi escolhida pelo projeto Crianças do Brasil, coordenado por Tim O'Donoghue. Acessado em Abril/2014](#)

04/11/2006 [Empresário brasileiro de mount vernon é preso pela imigração: o Departamento de Imigração continua a causar medo na comunidade brasileira. A última ação de impacto ocorreu em Mount Vernon, Nova Iorque, onde o empresário brasileiro José Carlos \(foto\) foi detido e colocado em processo de deportação. Acessado em Fevereiro /2014](#)

09/06/2005 [Vida de imigrante é retratada em programa de TV, todo ano o jornalista Walter Alvarenga vem aos EUA entrevistar brasileiro \[...\] Acessado em Janeiro/2014](#)

08/06/2008 [Brazilian Civic Center visita Santa Casa. O intuito da visita foi estreitar as relações que permanecem entre Poços e a cidade de Mount Vernon \[...\] Acessado em Março/2014](#)

11/20/2007 [Brasileiro de Port Chester recebe ameaças racistas: Paulo Cardoso recebeu um bilhete ameaçador, acompanhado de um CD de uma organização nazista. Acessado em Junho /2014](#)

03/04/2009 [Americano abre escolha de inglês para brasileiros. Norte-America "abrasileirado" dedica a escola os brasileiros que necessitam de aprender inglês. Acessado em Abril 2014](#)

02/20/2008 [Sonho de brasileiras de Nova Iorque vira verdadeiro sucesso. Iguarias brasileiras são os atrativos do Chocolate Spoon Coffee House. Acessado em Março 2014.](#)

06/12/2007 [Mineira mostra talento em CD eclético: A cantora Fabiana Passoni consegue colocar estilos diferentes com talento e qualidade no seu novo CD. Acessado em Junho /2014](#)

7/23/2008 [Mineira morre de aneurisma em Newark: Natural de Poços de Caldas, Orazilda tinha 40 anos e faleceu em decorrência de aneurisma. Acessado em Maio/2014](#)

01/28/2009 [Brasileiro encontrado morto em Mount Vernon, NY, é quase dado como indigente: Arthur Vergílio residia há cerca de 20 anos nos Estados Unidos e já não tinha contato com os familiares. Acessado em Maio de 2014.](#)

11/27/2006 [Da Grota para Nova Iorque: Os meninos da Orquestra de Cordas da Grota do Sunucuçu ganharam fama e prestígio nos EUA. Acessado em Junho 2014](#)

05/04/2011 [Residente de Mount Veron busca ajuda para necessitados no Brasil: Voluntária pede que comunidade faça mais pelos que precisam de ajuda. Acessado em Março /2014.](#)

12/12/2007 [Show beneficente em Mount Vernon ajuda brasileiro: cantora Ana Fernandez vai doar todo o cachê para Oswaldo Krauss Neto. Acessado em Junho /2014](#)

6/30/2011 [Cantora da Califórnia lança CD inspirado no país natal:](#)

“Naturalmente Brasil”, de Fabiana Passoni, traz letras bem humoradas. Acessado em Junho /2014

05/26/2010 [“Asa Branca” de Luiz Gonzaga ganha versão em inglês, cantada por Roberto Trevisan e Billy Paul](#): A canção nordestina foi gravada em inglês e trata-se de uma homenagem a Luiz Gonzaga. Acessado em Maio/2014

10/20/2010 [Norte-americana bêbada atropela e mata dois brasileiros e foge sem prestar socorro](#): um acidente deixou dois brasileiros mortos no último sábado (15).

Filipe Chagas e Lucas Silva foram atropelados por uma americana que ainda fugiu do local [...] Acessado em Junho /2014

10/20/2010 [Trio de brasileiros irá dos Estados Unidos ao Brasil de moto](#): São cerca de 35 dias de viagem dos Estados Unidos até o Brasil. Acessado em Abril /2014

05/18/2011 [Solista mirim ganha destaque e se apresentará com orquestra nos EUA](#): Lucas Farias começou a tocar com três anos e nunca mais parou. Acessado em Junho /2014

07/09/2008 [Feriado da Independência termina em tragédia para brasileiro](#): Pablo Ferreira, de apenas 17 anos, morreu afogado quando nadava no rio Delaware, na divisa dos estados de Nova Iorque e Pensilvânia. Acessado em Junho /2014

12/13/2005 [Cônsul de NY faz primeira visita à comunidade](#): José Alfredo Graça Lima pretende participar regulamente dos Consulados Itinerantes. Acessado em Junho /2014

05/02/2006 [EUA vive a maior greve de imigrantes da história portodo o país](#): milhares de imigrantes faltaram ao trabalho e deixaram de fazer compras. Crianças não foram para as escolas e comerciantes fecharam as lojas. Especialistas dizem que país não sobreviveria sem a presença dos imigrantes. Acessado em Abril /2014

01/11/2005 [Brasileiro tona-se destaque esportivo](#): De provável deficiente visual à promessa olímpica, Michael tomou-se um orgulho para a família e para a comunidade brasileira. Acessado em Junho /2014

06/20/2012 [Mudança na Imigração chega em boa hora para alguns, para outros muito tarde](#): Decisão do governo em conceder autorização de trabalho para imigrantes que chegaram ainda crianças no país, gera alegria e euforia entre imigrantes. Acessado em Maio/2014

08/26/2009 [Artistas de Boston celebram trabalho com exibição de filmes brasileiros](#): Evento fez parte do “Primeiro Encontro dos Artistas de Boston”. Acessado em Maio/2014

10/10/2006 [Brazil Foundation expande suas atividades nos EUA](#): Os trabalhos abrangem as cidades com grande número de brasileiros. Acessado em Junho /2014

02/06/2007 [Mineiro é morto dentro de casa por engano](#): José Lima estava dentro de casa quando foi assassinado com um tiro no coração. Acessado em Junho /2014

10/29/2008 [Brasileiros expõem em feira de arte contemporânea](#): O Brasil estará representado por quatro galerias na Pinta 2008. Acessado em Março /2014

11/20/2004 [Roubos a brasileiros de Mount Vernon preocupam a polícia](#): Representantes da polícia local se reúnem com a comunidade para alertar sobre os perigos de assaltos e como evitá-los. Acessado em Junho /2014

01/25/2005 [TV brasileira faz documentário sobre a vida dos imigrantes](#): O cinegrafista Sérgio Silva e o jornalista Walther Alvarenga enfrentaram a baixa temperatura de Nova York para fazer um documentário com brasileiros que moram nos EUA. Acessado em Junho /2014

11/15/2006 [Espetáculo caipira lota casas e diverte imigrante brasileiro nos Estados Unidos](#): Jeca Tatu – O casamento do Filho Preto está pela quinta vez em Mount Vernon. Acessado em Março /2014

04/01/2005 [Poços de Caldas e Mount Vernon serão cidades-irmãs](#). Acessado em Junho /2014

05/06/2009 [Tradutores ajudam polícia e brasileiros de Mount Vernon](#): Voluntários trabalham ajudando a polícia a se comunicar com brasileiros que não falam inglês. Acessado em Junho /2014

01/17/2006 [Futsal 2006 em ritmo de festa](#): Campeonato de Futsal de Danbury oferece diversão para jogadores, familiares e amigos. Acessado em Junho /2014

10/04/2005 [Pai de candidata contesta resultado da eliminatória Miss Brasil NY](#):

Para ele houve irregularidades nos resultados da seletiva em Mount Vernon.

Acessado em Junho /2014

09/10/2009 [Prefeito visita Mount Vernon, irmã de Poços de Caldas nos](#)

[Estados Unidos](#). Acessado em Abril /2014

02/25/2011 [Emigrantes poços-caldenses sofrem com objetos extraviados.](#)

Acessado em Abril/2014

03/10/2011 [Continuam relações de caixas retidas no porto de Santos.](#)

Acessado em Fevereiro /2014

06/15/2011 [Emigrante tem objetos quebrados e retidos em porto.](#)

Acessado em Junho /2014

06/29/2011 [Ong de Poços discute situação de emigrantes em reunião nacional.](#)

Acessado em Março /2014

01/22/2008 [César Menotti e Fabiano Agitam Danbury:](#)

show é primeiro grande evento do ano. Acessado em Junho /2014

03/25/2009 [Terapia de brasileiro ajuda dependentes de álcool e drogas.](#)

Acessado em Junho /2014

06/15/2011 [Poços-caldenses têm mudança danificada na volta dos EUA.](#)

Acessado em Maio /2014

04/15/2008 [Cidade de Mount Vernon quer ter policiais brasileiros.](#)

Acessado em Junho /2014

10/09/2008 [Mount Vernon comemora 7 de Setembro.](#)

Acessado em Junho /2014

New York, um sonho brasileiro: o programa de TV.

Em meio ao cenário descrito até o momento, a existência de um programa de TV pertencente ao canal local da cidade, a TV POÇOS, totalmente voltado a acompanhar e divulgar informações sobre a vida dos emigrantes da cidade chamou atenção e tornou-se um dado bastante relevante para consolidação dessa pesquisa, principalmente ao constatarmos que o programa resiste a mais de vinte anos na região. Como contou o idealizador e apresentador do programa em entrevista, o jornalista Walther Alvarenga, em 1990, numa viagem aos Estados Unidos para visitar sua irmã que também mora na região de Mount Vernon, o apresentador de TV passou a ter contato com a situação do imigrante brasileiro. O reconhecimento do grande contingente de poços-caldenses na região viabilizou a elaboração de um programa que entrou no ar em 1991 e logo passou a ter reprodução semanal e especiais de final de ano voltados às festas natalinas e à virada do ano dos brasileiros nos Estados Unidos. O programa que recebeu o título de *New York, um sonho brasileiro*, mantém sua programação até hoje, já em nova versão, que recentemente recebeu o título de *Mundo Afora*. Tendo papel

importante na manutenção da vida social migrante, o programa atua de maneira a manter e estreitar laços entre os que foram e ficaram, proporcionando assim maneiras que exibir e consolidar imagens associadas a vida do Poços Caldense nos Estados Unidos, fator que contribui ainda mais com o imaginário que se consolida na cidade. Sobre a relação do programa, Mount Vernon e Poços de Caldas, esclarece seu idealizador, em entrevista para este trabalho:

Mount Vernon é uma cidade que fica no Estado de Nova York. Uma cidade que tem aproximadamente 70 mil pessoas e ali nessa cidade concentra o grande número de imigrantes daqui de Poços de Caldas. Do entorno aqui, Poços de Caldas, Andradas, Botelhos, Bandeira do Sul, Cabo Verde, Caldas. Enfim, as cidades que tão próximas aqui. Então vai indo todo mundo, então eles se encontram [...] Então ali nesse conglomerado de cidades está a comunidade brasileira lá nos EUA, mas qual comunidade? A comunidade brasileira mineira, do sul de Minas Gerais aqui da região de Poços de Caldas. Então quando eu cheguei lá em 90, que eu simplesmente fui passear, eu comecei a tomar conhecimento da realidade dos imigrantes lá, dificuldades, o sonho, a saudade de casa e falei “nossa mãe”, era um mundo diferente e aqui no Brasil ninguém fala sobre isso. E quando cê ouvia falar de imigração, era imigração com “I”. Quem vai daqui pra lá é emigrante, com E. Então não se ouvia falar de emigrante, com “E”. Só se ouvia falar aqui no Brasil de imigrante, então eu comecei a tomar conhecimento dos emigrantes. Ai eu sabia que essas pessoas tinham dificuldades, desafios ai eu pedi uma câmera emprestada, compramos microfone e chegamos na rua principal da cidade de Mount Vernon onde a brasileirada ficava tudo ali parada pra buscar emprego, fervia de brasileiro. Eu sei que foi indo, indo, até que nós conseguimos um grupo de pessoas e eles deram um depoimento. A hora que colocaram no ar foi uma loucura porque a maioria das pessoas que tinham dado entrevistas eram tudo aqui da região. Os pais viram, aí os pais começaram a ligar pra TV e então aí a TV entendeu que era um assunto de interesse pra comunidade. Que era algo que as pessoas buscavam. Então a partir daí nasceu um programa chamado “New York, um sonho brasileiro”. A debandada do pessoal pra Nova York, era o sonho de comprar casa no Brasil, era o sonho de mandar dinheiro, estudar o filho. Então ali se tornou o sonho. Todo mundo falava, o brasileiro vive o sonho americano. Não! Ninguém vive o sonho americano porque o sonho americano tá muito além. O brasileiro vai pra viver o sonho brasileiro e todos esses assuntos começaram a vir à tona com o programa. (Walther Alvarenga, 2014)

Como relatam as notícias de jornais coletadas, como a matéria de junho de 2005 pelo *Comunidade News*¹¹, o programa passou a retratar a vida do imigrante cobrindo atividades de socialização da comunidade brasileira, como as festas do Brazilian Day e também relatos de exploração, maus tratos, saudades, adaptação e sofrimento. Em março de 2005 o programa foi convidado para uma audiência pública na Câmara dos Deputados, promovida pela Comissão de Direitos Humanos seguindo o tema “Travessia Mortal - Imigrantes Brasileiros que Buscam na América uma Nova Vida e Encontram a Morte”. Tendo como pano de fundo o sucesso da novela “América”, produzida pela rede Globo no mesmo período e que retratava a vida do imigrante ilegal na travessia aos Estados Unidos, Walter Alvarenga foi ouvido pelos deputados, destacando os debates promovidos pelo seu programa ao mostrar cenas que revelam a situação dos imigrantes ilegais e ao falar sobre a situação de Poços de Caldas: “Na minha cidade existe o mito de que os EUA é o país dos sonhos. Percebi que a maioria dos imigrantes eram vazios espiritualmente porque se compensavam pelo lado material, faltava a família. Deixei de ir para passeios turísticos e comecei a perceber que aquilo tinha que ser mostrado e que a imagem que se passava dos imigrantes era uma mentira”, afirma Walther em depoimento na audiência pública a convite do deputado Geraldo Thadeu. Na mesma assembleia destacou-se o fato de Poços de Caldas ser a segunda cidade do país em número de pessoas que partem para os Estados Unidos, e conseqüentemente a isso, ter grande exposição de seus moradores aos perigos da travessia ilegal, via México, na qual muitos morrem, além de contrair as dívidas. Como destaca Walther na entrevista, e também muitos estudos sobre a emigração de brasileiros para os Estados Unidos já citados no primeiro capítulo, essa movimentação começou nos anos 80 e se consolidou em 1990, quando as pessoas passaram a seguir o exemplo de um parente ou do vizinho que foi embora e se deram bem lá fora na esperança de também alcançar o sucesso esperado. Nessa intensa movimentação, principalmente de países periféricos como o Brasil, as políticas de restrição à entrada e inserção do migrante no mercado de trabalho tornaram-se mais restritivas nos países de destino, assim como ocorreu um aumento de rotas alternativas e estratégias clandestinas de travessia.

De acordo com o apresentador, o programa foi pioneiro na questão da migração, sendo o primeiro a trabalhar a partir da ideia de

11 <http://www.comunidadenews.com/local/vida-de-imigrante-e-retratada-em-programa-de-tv-1262>. Acessado Março de 2014.

ser uma prestação de serviço à população da cidade que não só pela programação auxiliava as famílias, mas também ao permitir notícias e contatos a cada viagem feita aos Estados Unidos, onde o apresentador carregava telefones, endereços e contatos para buscar na região:

Aí quando eu ia embarcar eu tinha, levava na minha bagagem 100 endereços, telefone de mãe, pai... Começou uma procura muito grande e o programa passou a ser de utilidade pública. Ele era apresentado uma vez por ano. Era um especial que ele ficava uma semana no ar. Cada dia era um programa, eram sete programas. Aí depois com a necessidade do programa eu recebi um convite da TV, da direção para ser um programa semanal. Aí foi um desafio e ele passou a ser semanal. E quando ele passou a ser semanal aumentou muito a busca de parentes, não só daqui, de fora, que vinham, que queriam que eu filmasse, que mostrasse... Aí começaram as fatalidades: famílias que vinham buscar parentes que desapareceram e eu comecei a entender que a coisa era grave. Que muitos brasileiros tinham desaparecido e a família desesperada porque eles não tinham mais contato, em absoluto, contato algum. Então eles queriam esse contato. (Walther Alvarenga, 2014)

A edição de comemoração dos vinte anos do programa, o especial que começa com o slogan “O Brasil emigrante começa aqui” repete a estrutura que semanalmente seguem os programas exibidos, trazendo imagens de lugares marcantes dos Estados Unidos, internacionalmente e historicamente conhecidos, mesclando essas imagens a trilhas sonoras glamourosas como a música “New York” de Fred Ebb e antigos hinos americanos. Andando pelas cidades, Walther entrevista brasileiros de maneira informal, buscando descobrir com perguntas simples e diretas de onde são, o que pensam e o que fazem nos Estados Unidos, além de dar espaço para os brasileiros mandarem recados aos familiares e conhecidos que ficaram aqui. Sempre se referindo aos Estados Unidos como a “América”, o apresentador procura dar destaque aos mineiros que vivem nos Estados Unidos, transitando com um microfone aberto por ruas ou em eventos que reúnem brasileiros no exterior, como por exemplo os shows do Brazilian Day¹². Em meio às conversas gravadas, Walther procura destacar o grande fluxo migracional de Minas Gerais, agindo com empolgação a

¹² <http://www.brazilianday.com/> Acessado em Junho de 2014.

cada encontro com os mineiros no exterior. Essa exaltação aumenta ao encontrar poços-caldenses nas entrevistas, quando o apresentador faz questão de destacar possíveis “disputas”¹³ entre a cidade e Governador Valadares pelo ranking de “exportação de migrantes”. De uma forma geral, o programa que até os últimos anos recebia o título de “New York, um sonho brasileiro”, apresenta uma estrutura simples e bastante aberta, voltado principalmente às entrevistas e abordagens informais de brasileiros espalhados pelo país norte-americano e suas experiências. Além dessa proposta, alguns episódios realizam o exercício contrário, de apresentar a cidade de Poços de Caldas e seus moradores para aqueles que estão vivendo nos Estados Unidos, principalmente na região de Nova York, Mount Vernon. Muitos episódios exibem o jornalista caminhando pela cidade de Poços de Caldas, assim como faz nas edições feitas nos Estados Unidos, apresentando a cidade, suas transformações e como se encontra a população que vive nela. Pelos próprios quadros do programa, sua retransmissão via TV, mas também via rádio e pela internet, demonstram como ele tornou-se ao longo dos anos um canal direto de comunicação entre os brasileiros que migraram e os que ficaram, tornando-se um elo entre as relações que foram estabelecidas e que são mantidas nesses trânsitos.

Na mesma proporção, o programa que em vários momentos exalta a vida no exterior e os sonhos brasileiros que ocupam e direcionam essas mudanças, também apresenta denúncias em relação à condição de migrante, assim como os perigos da travessia. Principalmente nos programas realizados em estúdio, onde os entrevistados são pré-selecionados para discutir assuntos associados à migração, as perguntas dão abertura para que críticas e denúncias sejam feitas, principalmente por parte dos imigrantes que sofrem com o descaso dos órgãos institucionais e com as explorações, principalmente as explorações trabalhistas vivenciadas no país de destino. Em muitos momentos, devido à própria dinâmica do programa, sua semiestrutura permite que os imigrantes falem por bastante tempo e reclamem sobre toda situação na qual estão envolvidos. Nesse sentido, é possível observar que a própria trajetória do programa e a vivência do apresentador trouxeram aspectos de denúncia e defesa da causa e dos

¹³ Não me aprofundarei na questão devido à amplitude do tema, mas é possível encontrar diversos elementos que alimentam esse cenário de competição entre as duas regiões, assim como é possível elaborar uma análise voltada a essas disputas e os capitais culturais e simbólicos envolvidos no processo de legitimação e reconhecimento das regiões no cenário da migração internacional.

direitos dos imigrantes, e que foram sendo descobertos ao longo dos anos de exibição, quando se amadureceu as ideias em relação ao que significa deixar o Brasil para viver como imigrante nos Estados Unidos.

Durante a pesquisa de campo, tive a oportunidade de entrevistar e também acompanhar a gravação de um episódio que ocorreu em fevereiro desse ano. Gravado no dia oito do mesmo mês, o programa que é sempre ao vivo aos sábados à tarde e reprisado aos domingos pela mesma emissora e possui uma hora de duração, denominando-se um “interativo” entre os brasileiros e os outros países. Na sua nova versão, que trocou o nome “New York, um sonho brasileiro” para “Mundo afora”, Walther traz também pesquisadores e estudiosos da causa imigrante para que eles possam produzir análises mais completas em relação a situação daquele que ele chama de “cidadão do mundo”. No programa¹⁴ que presenciei uma das convidadas foi a pesquisadora professora da Columbia University, Clara Irazabal, venezuelana responsável pelo núcleo de estudos latinos e caribenhos voltada a questões urbanas, mobilidade e patrimônio. Como foi ao ar, a pesquisadora entrevistada via skype discutiu a vida das comunidades brasileiras que se consolidam nos Estados Unidos, como a região de Mount Vernon. De acordo com ela, cerca de 10% da população de Mount Vernon¹⁵ são mineiros provenientes do sul de Minas, principalmente Poços de Caldas, e fazem parte de um novo cenário onde as “cidades têm aberto canais para integração naquela região, como por exemplo a introdução do português nas escolas públicas e outros elementos associados à linguagem” (IRAZABAL, 2014, entrevista) além das transformações trazidas pelos próprios imigrantes nas

14 Estiveram presentes também um professor da PUC Minas participando do debate trazendo reflexões acadêmicas, um engenheiro civil participando via skype dos EUA avaliando repercussões no exterior sobre os acidentes de trabalho na construção civil no Brasil, também houve a participação de uma emigrante brasileira falando via skype da Holanda e, ainda, a presença de um poços-caldense trazendo seu depoimento sobre os vários em que morou nos EUA

15 Todas as informações descritas neste trecho foram retiradas da entrevista dada pela pesquisadora durante o programa que tive oportunidade de acompanhar presencialmente, com gravação ao vivo. Os dados fazem parte do trabalho que vem sendo desenvolvido pela pesquisadora na região de Mount Vernon e que ainda não foram publicados, pois seguem em fase de elaboração. O programa foi gravado e transmitido no dia 08/02/2014, as 14:00 hs na sede da TV Poços, Avenida João Pinheiro, na cidade de Poços de Caldas, Minas Gerais.

instituições, comércio, eventos e celebrações religiosas da cidade, todos elementos facilitadores dessa integração na região.

Como pude observar na gravação do programa, assim como nas edições dessa nova versão, paralelo às falas dos imigrantes, espaço para comentadores e análises da questão se ampliaram e além dos tempos de fala dos entrevistados, o quadro denominado “Mundo em foco” destinado ao resumo das notícias que circulam o mundo associadas à migração surge, dando espaço para narrar casos de violência, morte, explorações, abusos trabalhistas, fatos curiosos, bizarros e informações sobre processos de legalização. Além da lista de notícias acompanhadas de vídeos e imagens, Walther comenta cada informação. Além de comentar, Walther costuma enfatizar a “nossa gente” envolvida, considerando sempre a população de Poços de Caldas.

A presença da ONG de apoio ao emigrante na cidade.

Paralelo a existência do programa, mas proveniente da mesma matriz e do mesmo processo histórico, a sede da organização não-governamental de Apoio ao Emigrante passou a existir na cidade tendo em vista o mesmo cenário de preocupações com desaparecimentos de imigrantes e denúncias de exploração, motivos que permitiram e mantiveram a regularidade do programa até os dias atuais. Considerando toda a situação vivenciada por seus moradores e a particular relação que o jornalista Walther Alvarenga estabeleceu com a situação do imigrante, no ano de 2006 a intensificação do fluxo de imigrantes, assim como dos problemas e violências associados a eles promoveu a criação e inauguração da sede da ONG, totalmente voltada para o “apoio” desses sujeitos. Como narra Walther em entrevista a pesquisa, a relação da ONG:

[...] aí aumentou muito a busca de parentes, não só daqui, de fora, que vinha, que queria que eu filmasse, que mostrasse... Aí começaram as fatalidades: famílias que vinham buscar parentes que desapareceram. Aí eu comecei a entender que a coisa era grave. Que muitos brasileiros tinham desaparecido e a família desesperada porque eles não tinham mais contato, em absoluto, contato algum. Então eles queriam esse contato. Aí eu chegava nos Estados Unidos, colocava nos jornais brasileiros lá, tentava, alguns eu localizei, outros não... Aí tinham dois desaparecimentos: o desaparecimento normal, de conveniência. Que que é normal: o cara arrumava outra família e não

queria mais saber de quem tá aqui, esquecia. E tinha aqueles que desapareciam pelo seguinte: eles chegavam nos EUA, não conseguiam atingir a meta e ficavam com vergonha, simplesmente não queriam mais contato porque achavam que eles fracassaram e tal e não queriam contato em absoluto com a família. E tinha um terceiro caso: eram aquelas pessoas que desapareceram misteriosamente. Ninguém sabe, ninguém consegue ver o paradeiro. Não bastava ir como repórter, precisava ter uma organização, mas até então a ONG não tava, não tinha como projeto não... Aí começou um outro histórico que não existia, o traslado de corpo no Brasil, que a família queria e não tinha dinheiro. Aí começou a acionar o Ministério das Relações Exteriores, o Consulado e aí entendeu-se o seguinte: que os órgãos do governo federal só ajudavam com papelada e não com dinheiro e a questão era dinheiro! E o que que nós fizemos? Vaquinha. A minha irmã tá lá e depois passou a ser um braço da ONG. Então ela chegava, reunia alguns brasileiros e eles iam pros points brasileiros e colocavam umas caixinhas e então a gente conseguia arrecadar dinheiro, lá, pagava e trazia. Aí a ONG começou a exercer o seu papel de ajuda, de trabalho, de apoio, de documentação. Então nós começamos a suprir uma coisa que a gente supre, uma coisa que é pra polícia federal. A gente já passa pra polícia federal praticamente a coisa encaminhada, que antes eles não tinham, eles ficavam perdidos, tanto pra brasileiros quanto para estrangeiros que queriam ficar e brasileiros que precisavam do documento para mandar pra lá, que os pais não sabiam como agir. Então aí que nasceu a ONG BAE. E que é bom você ressaltar, que a ONG está cadastrada no Ministério das Relações Exteriores. Ela é conhecida como utilidade pública. (Walther Alvarenga, 2014)

De acordo com a notícia divulgada no jornal *Comunidade News*, na matéria de janeiro de 2008¹⁶, a ONG que atende pelo slogan “De mãos dadas com o Mundo” apoia os brasileiros emigrantes e

¹⁶<http://www.comunidadenews.com/local/onhajudabrasileirosquemoramno exterior>. Acessado em 19/04/2014

também as famílias que ficam no Brasil, tendo como representante nacional o jornalista poços-caldense Walther Alvarenga, e internacional sua irmã Cleonice Monteiro, que mora em Mount Vernon. De acordo com a notícia, além de cadastrar todos os brasileiros interessados, a ONG tem o apoio do governo federal, além de possuir representações em países como Itália, Inglaterra e Japão, além dos Estados Unidos, que auxiliam principalmente no envio de corpos dos emigrantes de volta para o Brasil. Assim, como afirma a coordenadora de Mount Vernon, a ONG não apoia a imigração ilegal, mas defende que o governo deve dar todo apoio ao brasileiro que sai do seu país e necessita de ajuda para retornar. Nesse movimento, como conta Walther em entrevista para essa pesquisa, a ONG tornou-se, a partir da Lei nº 8.392, de utilidade pública municipal, ganhando reconhecimento na cidade e na região do sul de Minas. Essa Lei proporcionou à ONG receber apoio mais efetivo do prefeito da cidade e também dos deputados federal e estadual da época, Sebastião Navarro e Geraldo Tadeu, ações que trouxeram implicações positivas à continuidade do trabalho da ONG, como a consolidação de um espaço físico dentro de uma estrutura pública do Estado mineiro. Além disso, a ONG recebeu também o Certificado de Filantropia das mãos do Consulado de Nova York e passou em 2008¹⁷ a receber ajuda direta do governo municipal e de empresários da região.

De acordo com o site da ONG (<http://www.umsonhobrasileiro.org.br>), só em seus dois primeiros anos mais de 540 famílias foram cadastradas e receberam orientação em relação à documentação necessária para recebimento do visto norte-americano. Além dessas orientações, informações em relação aos hábitos e práticas culturais do país, possibilidades de trabalho, vagas de emprego, elaboração e requerimento de seguros de saúde e greencard são fornecidas, além de um mural de destaque no site destinado à divulgação de fotos e informações sobre brasileiros desaparecidos. Entre as múltiplas funções da ONG é possível observar que, tanto pelo site quanto pela entrevista do coordenador responsável Walther Alvarenga, a relação com o desaparecimento de emigrantes e o auxílio no transporte de corpos tornou-se uma das principais funções da organização e também um dos temas que mais movimentam o site. Acompanhando a página é possível observar a interação entre as famílias poços-caldenses, principalmente aqueles que procuram seus entes queridos

¹⁷<http://www.comunidadenews.com/local/onhajudabrasileirosquemorammoexterior>. Acessado em 19/04/2014

desaparecidos, como alguns casos que seguem no mural virtual por muito tempo, descrevendo histórias sem desfechos há mais de vinte anos. Nesse sentido, é possível observar também a preocupação da ONG com o grande contingente de emigrantes ilegais e a constituição de suas travessias, rotas e vida no exterior. Essas experiências são descritas numa série de relatos também partilhados por seus membros através do site, situações que acabaram por exigir da ONG um envolvimento maior com esse tipo de situação. A elaboração do “Manual do Emigrante”, uma cartilha ilustrada com informações sobre como se comportar e o que fazer para conseguir entrar no país legalmente é apenas uma das atuações da ONG com o objetivo de prevenir e alertar os poços-caldenses em relação aos riscos da travessia sem documentos.

Um último e interessante dado em relação à ONG demonstra a importância e a relevância da sede da organização na cidade, que além de proporcionar um contato ainda mais direto e expressivo com a região de Mount Vernon em Nova York, intensifica e traz novos mecanismos para legitimar e proporcionar ao movimento migratório que ocorre na cidade uma maior visibilidade. Um dos sinais de tamanha importância associa-se ao próprio espaço físico da sede, que atualmente localiza-se na Unidade de Atendimento Integrado do Estado de Minas Gerais, o posto [UAI](#)¹⁸ Poços de Caldas que é vinculado à Secretaria de Estado de Planejamento e Gestão do Estado, criado visando atender às necessidades da população mediante a emissão de primeira e 2ª via de documentos como carteira de identidade (RG), carteira de trabalho, cartão CPF, título de eleitor, carteira de motorista (CNH) entre outros. Esse posto centraliza em um único ambiente diversos serviços públicos e simplifica a vida do cidadão, possuindo capacidade para atender 720 pessoas por dia em seus diversos serviços, e conta com os serviços do Instituto de Identificação da Polícia Civil, o Banco Popular do Brasil, Ipsemg, Minas Fácil e Polícia Militar. Além disso, por meio da Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social está instalado na unidade de atendimento o Sistema Nacional de Emprego (Sine) para intermediação de mão de obra, acesso às vagas de emprego, solicitação de carteira de trabalho, entrevistas de emprego e pedidos de seguro desemprego. De acordo com a própria divulgação feita pela mídia¹⁹

18<http://www.mg.gov.br/governomg/portal/m/governomg/ acesso-o-rapido/10652-uai/10652/5309>. Acessado em 11/07/2014.

19<http://www.lavras24horas.com.br/portal/pocos-de-caldas-recebe-a-19%C2%AA-uai-do-estado/>. Acessado em 03/06/2014.

no período de inauguração da Unidade, o posto de Poços de Caldas inova na oferta de serviços à população com um setor de Apoio ao Emigrante para facilitar o contato de pessoas do município com familiares que residam no exterior. O atendimento é feito por um funcionário da Unidade e está incluído no sistema geral do posto. Assim como fui recebida na entrevista realizada na sede da ONG, o atendimento é feito através da retirada de uma senha no balcão de atendimento no primeiro andar, e na sequência é direcionado à sala da organização no segundo andar. Na sala de espera os números vão sendo chamados pelo funcionário da ONG que realiza registros e consultas via telefone e internet, ajudando na localização de pessoas e orientando também na obtenção de passaportes, vistos e formulários, no caso de traslado de cidadãos para o Brasil.

A partir de todos os elementos apresentados nesse capítulo, que desenha o cenário local e tentam permitir ao leitor maior compreensão da trama, passo agora para as considerações proporcionadas pelo trabalho de campo, buscando expor e encontrar conexões entre o contexto e as narrativas e histórias vivenciadas pelos sujeitos da pesquisa.

CAPÍTULO III - *Circulando: percursos dos sujeitos na migração*

Nesse último capítulo do trabalho optei por concentrar e analisar todo material que obtive a partir das entrevistas feitas em campo entre os períodos de fevereiro a maio desse ano. Após uma pesquisa inicial sobre a questão da imigração em Poços de Caldas, em fevereiro de 2014 agendei a primeira entrevista da investigação com Walther Alvarenga, sujeito da trama que desde minhas primeiras buscas surgiu como importante elemento para compreender a situação da cidade dentro do campo migratório e como esta relação se consolidou. Após a primeira entrevista com o jornalista que é também apresentador do programa dedicado à vida do emigrante da cidade e coordenador geral da ONG BAE conforme capítulo anterior, pude selecionar sujeitos que atualmente moram em Poços de Caldas mas que vivenciaram o processo de migração a partir da mudança para Mount Vernon. Com ajuda de Walther Alvarenga consegui o contato de alguns entrevistados e posteriormente a essas entrevistas selecionei mais alguns informantes a partir da rede de conhecidos que permeia a cidade, e que de alguma maneira também vivencio e da qual faço parte. Diante disso é possível afirmar que a maior dificuldade da pesquisa não foi encontrar e estabelecer o contato com os entrevistados, mas sim escolher entre um grande número de sujeitos e experiências aqueles que poderiam compor as descrições feitas aqui.

As entrevistas foram realizadas de maneira pouco estruturada, seguindo apenas um pequeno roteiro norteador, mas aberto ao que cada entrevistado tivesse a intenção de contar e sem estabelecer um tempo para encerrar, ficando a critério do tempo disponível por cada entrevistado. Como nasci e cresci na região onde meus pais vivem até hoje, viajei para Poços de Caldas várias vezes entre os meses de Dezembro de 2013 e Fevereiro, Abril, Maio e Junho de 2014, com o objetivo de estabelecer o máximo possível de contato com o campo, mas principalmente com os entrevistados, evitando assim perder a oportunidade de conversar com cada um deles ou realizar entrevistas muito rápidas. Foram realizadas nove entrevistas, sendo uma com o apresentador Walther Alvarenga e as outras oito com moradores da região que viveram em Mount Vernon. Entre as entrevistas, sete delas foram realizadas no local e horário de trabalho de cada entrevistado, situação sugerida pelos mesmos, e que por uma coincidência não prevista, aconteceram em estabelecimentos voltados ao comércio da cidade, situações onde praticamente todos possuem empresa própria ou trabalham como autônomo. A única entrevistada que não seguiu esse perfil foi a estudante Nara, que se mudou para os Estados Unidos aos

oito meses de idade, acompanhando a busca indocumentada dos pais por emprego. Nara viveu na região de Mount Vernon até os 12 anos e seguiu a vida entre os dois países e as duas cidades, Poços de Caldas e Mount Vernon até finalizar sua formação superior em Ciências Políticas na cidade de Nova York. No momento da entrevista Nara havia acabado de retornar a Poços de Caldas e estava em momento de adaptação e decisão sobre o que fazer no Brasil e também sobre seu possível retorno, aparentemente definitivo, aos Estados Unidos.

Para cada entrevistado procurei abrir a conversa com uma pergunta simples sobre sua relação com os Estados Unidos, tentando entender como se estabeleceu a conexão com país e também como foi o processo de travessia e adaptação. Para cada entrevista reservei o primeiro momento para que os entrevistados pudessem se apresentar e contar um pouco como iniciou sua história com o país e o desejo de migrar. Depois das apresentações, eu procurava nas brechas de cada fala, que inicialmente seguiram longas, perguntar sobre como é a cidade de Mount Vernon e a relação entre os brasileiros que vivem lá, principalmente os poços-caldenses. Além de tentar entender essas experiências associadas aos planos, projetos, ambições e adaptação, busquei questionar cada um deles em relação à parte prática de sua partida, sistema de visto, permissão e fiscalização vivenciada em relação às políticas migratórias e ao sistema de controle internacional. Após esses relatos, para o fim da conversa deixei reservada uma pergunta sobre o retorno, deixando transparecer meu interesse pelos motivos que fizeram cada um deles regressar a Poços de Caldas.

Para melhor aproveitar os relatos encontrados, sistematizei este quinto capítulo a partir de três tópicos, recortes que seguem temas abordados e repetidos nas conversas e experiências narradas, promovendo assim uma maneira de sistematizar as extensas transcrições e permitir que o leitor desse trabalho acompanhe o que foi encontrado nos relatos.

Mount Vernon, a padaria e o Brasil

Quando perguntei aos entrevistados sobre a cidade de Mount Vernon, a descrição que se repetiu foi a seguinte: uma cidade simples, com todos os traços de uma região do subúrbio novayorkino, permeada por problemas estruturais em relação a lixo, habitação, desigualdades e violência, fatores comuns para uma região que faz divisa com o Bronx, o Condado do Bronx, único distrito de Nova Iorque que está localizado no continente, predominantemente residencial e que atualmente é considerado o distrito mais pobre e violento da cidade, bem como um

dos condados mais pobres e violentos do país. Considerando a visão determinada pelos migrantes brasileiros, além da sequência de disposições e tendências particuladas e pertencentes aos sujeitos entrevistados, situação descrita como “marginalizada” da região, ainda assim, permitiu custos de vida mais baratos e outros fatores que atraíram populações migrantes e também norte-americanas devido as possibilidade emprego e sua proximidade com Mannhatan. Diante disso, aos poucos uma grande rede de brasileiros se estabeleceu na região, adaptando-se a sua estrutura denominada simples e a sua estética interpretada como “decadente” (Nara, 2014) e estabelecendo na região núcleos de convivência e sociabilidade que atendessem às necessidades das populações internacionais que se dirigiam para a região.

Distante das definições atribuídas pelos sujeitos entrevistados à Poços de Caldas, conhecida por eles como uma região turística, em desenvolvimento econômico, de estrutura privilegiada e uma localização favorável, próxima aos grandes centros econômicos como São Paulo e Campinas, ainda assim é para Mount Vernon que se dirigem na busca por melhores oportunidades, mudanças e empregos. Para uma região que é descrita nas entrevistas como um reduto imigrante periférico, onde inicialmente instalaram-se populações negras norte-americana, tidas como criminalizada e constantemente associada à formação de guetos, além de imigrantes portugueses que inicialmente se espalharam pela região através dos estabelecimentos comerciais. Como contam os entrevistados que vivenciaram a troca do contingente português por novos migrantes, os brasileiros chegaram aos poucos e passaram a ocupar o lugar que antigamente era demarcado pela imigração portuguesa, fator que alguns até especulam ser um facilitador para a adaptação na cidade. Nessa argumentação, a presença das padarias, antigamente portuguesas e atualmente padarias brasileiras, surge para explicar como o contexto e os elementos da cidade agregaram ainda mais os imigrantes que chegavam para se estabelecer. Além das padarias, outros estabelecimentos comerciais geridos por imigrantes como os restaurantes e pequenos mercadinhos de produtos importados se espalharam pela região, tornando-se pontos de encontro e também de apoio para os brasileiros que chegavam.

Assim como contam todos os entrevistados, e como é possível visualizar no capítulo anterior na matéria sobre o Ato de Irmanação e a intervenção de seu Pedro, as padarias brasileiras na região do Condado de Westchester, ao qual pertence Mount Vernon e também outras cidades que recebem imigrantes como New Rochelle, White Plains, Eastchester ou Portchester, esses locais tornaram-se espaços de intensa

circulação de imigrantes que compartilham ali não só hábitos alimentares, mas também redes de apoio, busca de trabalho, contatos, notícias de familiares no Brasil, saudades do Brasil, refúgio e também fonte de informações, visto que essas regiões tornaram-se pontos de contratação de imigrantes para trabalho informal além de espaço para divulgar e ocupar vagas de trabalho. Em Mount Vernon essas funções são ocupadas pela *Padaminas*, a padaria do poços-caldense Pedro que existe na cidade há mais de 15 anos e que contribui, apesar de todas as diferenças entre a região e Poços de Caldas, para a composição de um cenário onde o imigrante de alguma maneira pode se sentir em casa, compartilhando um sentido comum com a comunidade brasileira que vive lá. Sobre a cidade e a padaria, selecionei alguns relatos para ilustrar e dão uma dimensão do que representa a cidade em sua vida nos EUA.

Eu acho que o fato de já ter português deve ter facilitado um pouco para os brasileiros. Porque já tinha padaria. Tinha essas facilidades já, assim, tipo muito comércio, restaurantes e então com esses vínculos, ficou dominado assim... Brasileiro e português dominando lá [...] Tanto que é... Abria uma padaria... Antes uma padaria portuguesa, foi virando mais brasileira, brasileira... No começo eram algumas coisas, depois já tinha o salgadinho, coxinha, pão de queijo... (Nara, 28 anos, 2014)

Então, Mount Vernon, como é uma cidade assim... Eu acho, é uma cidade mais simples lá né, fica mais ou menos a 40 minutos de Manhattan, então é uma cidade do interior, pequena, que tem muito imigrante, esses imigrantes estão lá há muitos anos, eles mesmo abriram comércio lá, padaria. Tem uma padaria lá que é a padaria do Pedro, todo mundo conhece, ele é aqui de Poços. Então tem a padaria brasileira, tem as *delli*, que é tipo um supermercadinho, tem um outro lugar lá onde você troca dinheiro pra mandar para o Brasil, que eles vendem produto brasileiro, perfume, sabe parece que cê tá em Poços de Caldas sabe? Então pra mim nessa época que eu fui, que foi em 2001 já tinha muito imigrante, não foi uma época difícil porque vamos supor, há 20, 30 anos atrás que era difícil, tinha pouco imigrante, o pessoal sofria mais, agora na época

que eu fui tinha muito imigrante, você mais falava português que inglês. Você só falava inglês quando ia pro trabalho, que aí tinha que comunicar. (Cristiane, 37 anos, 2014)

... por exemplo, como eu mesmo morava muito próximo a Mount Vernon, eu tava lá direto e tinha mesmo restaurantes brasileiros e pra você ter uma ideia, todo dia quando eu ia jantar, eu ia jantar em Mount Vernon, que é bem perto, no restaurante brasileiro. Essa dificuldade a gente não tinha não. Supermercado lá, muito produto brasileiro, comprava, ah eu quero comprar goiabada, cê achava então você não tinha essa dificuldade, que na época que meu pai morou lá teve, entendeu? [...] E bem no comecinho, nos dois primeiros anos que eu trabalhei lá, durante o dia eu trabalhava na construção e durante a noite eu entregava pizza e a tarifa que eu trabalhava era em Mount Vernon, por isso que eu falo, eu tava lá direto, entregava pizza em Mount Vernon, conheci lá como a palma da minha mão. Conheci lá de falar de rua em rua, de saber onde que é tudo então foi... Eu vivi nesse miolo o tempo todo, muito brasileiro e realmente, em Mount Vernon principalmente, padaria, restaurante, muita coisa, no comércio mesmo o brasileiro já dominava, vamos dizer assim. (Marcelo, 33 anos, 2014)

Foi bem simples. Cê chega na padaria o pessoal já fala português, é do Brasil, as vezes cê conhece até a pessoa que tá lá, que é daqui de Poços também, tem mercadinho de brasileiro, padaria, nossa, tudo brasileiro... Mas não tem nada a ver com Poços, é uma das cidades mais feias que eu já vi na minha vida. Se você for ver na estrutura a cidade parece ser bem planejada em questão de bairros, bem esquadrejados, tem as ruas principais são mais largas, tem os metrô que passam no lugar certinho, não é uma cidade sem estrutura, iluminação, esgoto, as coisas, encanamento do gás, encanado, tem tudo certinho, tem os prédios também. Tem a periferia, por exemplo, a cidade inteira tem as partes que são... Assim, tem o pessoal mais rico e tal, mas a maioria é bem periferia, cê não percebe mas se

você for entrar de casa em casa, apartamento por apartamento, o pessoal é um pessoal bem de classe média baixa, por ser americano, onde a gente acha que todo mundo é rico, bom não é bem assim. Tem os lugares perigosos também, à noite você não podia sair. Eu não sei hoje como está, mas em 2005, que eu estive lá, você não podia sair à noite. Os negão lá, é, os negão mesmo que batia nos... Que a cidade a maioria é negro e então os negão saía e batia, eles sabiam que era sexta-feira que você recebia, era onde tinha mais ataques, nos hispanos e brasileiros também. Batiam muito, chegava até a morte. (Matheus, 28 anos 2014)

Você imagina que você está na Rua Assis [\[1\]](#), é a mesma coisa que você tá aqui em Poços. Tem padaria brasileira, farmácia brasileira, loja de roupa brasileira, cabeleireiro brasileiro, manicure brasileira, entendeu? É onde é o erro de muitos brasileiros, só quer ficar focado em Mount Vernon, só quer saber de trabalhar, não procura estudar... Tem gente que fica dez anos lá e não fala nem “hi”, nem “by” em inglês, aí chega aqui em Poços, começa a falar inglês... Entendeu? Pra falar, não, eu estava nos Estados Unidos. Só que a pessoa não...Eu fui um dos que não me preocupei em ir pra escola, eu fala inglês, mas o inglês de rua. O inglês que eu tinha não passava fome, não passava sede, eu tinha minha empresa, eu trabalhava, pegava meus trabalhos, vendia meus trabalhos, então é bom você viver na comunidade brasileira, é, mas ao mesmo tempo é ruim. Um dos pontos ruins de viver na comunidade brasileira é a inveja. (Elder, 35 anos, 2014)

E Mount Vernon não tem alguma semelhança com Poços. Nenhuma. Não. Assim, tem que tem muito poços-caldense. Meu tio casou com uma poços-caldense, eu casei com uma poços-caldense tudo lá nos Estados Unidos. Por aí você tira uma noção, tem uma base que na verdade só tem mulheres e homens mineiros lá. (Wilson, 33 anos, 2014)

Considerando as descrições que aparecem nas citações escolhidas, é interessante lembrar que nessa região grande parte dos imigrantes brasileiros vive na chamada “ilegalidade”, onde a maioria deles não apresenta toda documentação necessária para comprovar seu direito de morar e trabalhar na região. Ainda que de maneira provisória, quase todos os poços-caldenses que viajam com o visto inicial fornecido pelo consulado têm apenas seis meses para ficar na região, sendo esses seis meses categorizados como passeio, viagem de estudos ou férias, numa situação na qual estão impossibilitados de exercer qualquer atividade profissional. Ainda assim, a grande maioria parte para a região com o intuito de trabalhar, se estabilizar financeiramente e mandar o dinheiro para o Brasil, local onde normalmente deixam famílias, pais, mulheres e filhos com a promessa de que logo retornaram. Ainda que sem a documentação, como é o caso de todos os entrevistados dessa pesquisa, com exceção da estudante Nara, que recebeu o *green card* ainda criança, mas que vivenciou a mesma experiência a partir da experiência do seu pai, essas pessoas partem e passam mais tempo do que o previsto. Como no caso do entrevistado Elder, que cruzou a fronteira México e Estados Unidos através de um atravessador poços-caldense que coordenou sua viagem até a travessia no deserto, feita de carro e guiada por uma menina de 16 anos e seu bebê no colo, Elder chegou em Nova Iorque no dia 10 de Setembro de 2001, dia anterior ao atentado contra as torres gêmeas do World Trade Center, e viveu no país por mais de dez anos. Além do dinheiro para se sustentar, ele precisou trabalhar para pagar os custos da travessia, cerca de 12 mil dólares investidos para ele e seu pai chegarem ao país e também para enviar remessas de dinheiro aos que ficaram no Brasil e para aqueles que o receberam nos primeiros momentos no novo país. Assim como Elder, ou o caso de Wilson que viajou para trabalhar pouco tempo mas acabou ficando, se casando, sendo deportado duas vezes e retornando, a vida do imigrante brasileiro nos Estados Unidos muitas vezes se prolonga, assim como os relatos de saudade do país, da família e a vontade de juntar dinheiro para concretizar no Brasil os planos imaginados.

Como encontrei no caso dos entrevistados da pesquisa, mesmo partindo de contextos muito diferentes e cruzando a fronteira de maneiras distintas, todos partilharam não só o desejo de alcançar nos Estados Unidos uma boa situação financeira, mas também o desejo do retorno e a saudade de casa, emoções que permitiram a eles buscar e se integrar ainda mais aos espaços de sociabilidade voltados aos brasileiros, que no caso de Mount Vernon não se expressam apenas pelas padarias, mas também nos clubes de dança, restaurantes, teatros,

shows de música brasileira, festas típicas e também igrejas, principalmente igrejas protestantes com cultos em português voltados à comunidade brasileira.

só que nesses dois anos fazia alguns meses que eu tava lá e comecei a frequentar uma igreja evangélica porque lá o pessoal procura muito assim igreja, essas coisas. Tem muita igreja lá, principalmente evangélica. Porque chega lá o pessoal fica muito longe da família, então você quer buscar um grupo pra você ter alguém, pra se apoiar, pra tá ali junto, então essa minha amiga era evangélica, ela me levou pra igreja dela eu gostei e fiquei. Então ali eu fiz um grupo de amigos. Tudo brasileiro. Tudo em português, o culto por exemplo, era assim tudo em português a não ser as vezes que a gente combinava de ir numa igreja americana, a gente juntava uma turma e a gente ia mas pra mim era a coisa mais engraçada porque eu não entendia quase nada do que eles falavam. (Cristiane, 37 anos, 2014)

é que as igrejas brasileiras são formas, um escape pra muita gente lá, no sentido em que se torna uma família mesmo. É uma instituição que vai se tomando uma família, então assim as pessoas acabam se tornando, vão se apegando muito mais do que aqui, no sentido de igreja, daquilo ali fazer parte, mesmo que seja só no domingo, mas faz parte. E eles acolhem muito bem, fui muito bem acolhido lá. (Marcelo, 33 anos, 2014)

Na mesma situação, espaços como a empresa de remessas de dinheiro *Vigo*, descrita como um dos mais frequentados estabelecimentos da cidade ou a loja de produtos e remessas brasileira *Bradelli* ganharam importância e popularidade, fazendo parte de todo um cenário que sustenta e oferece refúgio ao imigrante e sua vontade de retornar. Refúgio esse que pode ser pensado a partir das memórias, lembranças e ausência de casa, mas que também pode ser analisado a partir da condição do imigrante que se estabelece em um país bastante conhecido por suas práticas coercitivas e pela rede de regulamentação altamente qualificada que trabalha para proteger fronteiras e assegurar controles e uniformidade.

Nesse sentido, e já encaminhando para o segundo tópico deste capítulo, cabe resgatar a reflexão de Butler e Spivak em relação aos processos

que inviabilizam e negam possibilidades de integração aos sujeitos que determinados como os “sem-estado”.. Nesse tópico abordarei das entrevistas os relatos associados à questão do trabalho e a documentação que envolve o registro desse trabalho, situações um tanto quanto paradoxais nas quais os sujeitos migrantes vivenciam a condição de serem incluídos a partir de sua contribuição na economia da cidade, mas precisam lidar com as negações de sua situação de indocumentados, que alterna-se a partir das intenções de defesa da soberania do território, das cotas de visto e das políticas migratórias. Antes de dar continuidade ao trabalho, vale destacar que todo o campo desse trabalho foi realizado em Poços de Caldas, não apresentando assim uma experiência a partir de Mount Vernon.

De forma geral, quando penso na relação Poços de Caldas e Mount Vernon e nos brasileiros vivem lá, assim como nas padarias e nos outros espaços criados, geridos e frequentados por brasileiros, reconheço mais que um processo de adaptação e interação, mas também uma relação de resistência, uma resistência inventiva, que ao entrar em contato com aquilo que é diferente do que se está habituado, e no caso do campo com os limites da condição migrante, tem a necessidade de transpor esses elementos e os colocar em termos familiares, inventando elementos equivalentes ao que reconhece e ao que pode alcançar reconhecimento, identificação. Nesse processo recriamos nosso próprio sistema cultural e modificamos também aquilo que anteriormente nos era familiar e no caso do imigrante em trânsito, do poços-caldense em Mount Vernon, esse deslocamento pode ocorrer, não se referindo apenas às antigas origens deixadas no Brasil, mas se aplica também às atuais condições encontradas no destino final. Com isso, consolidam-se padarias, refúgios e lugares de reconhecimento.

5.2) Indocumentados, ao trabalho!

Entre as entrevistas feitas e estudos voltados para questão da migração latino-americana nos Estados Unidos, a questão do trabalho surge tomando conta das principais discussões e análises sociais em relação ao tema. Reconhecido como força motriz para muitos que deixam o país, o trabalho movimenta fluxos e circuitos migratórios e também promove a inserção inicial daqueles que atravessam fronteiras na busca por melhores condições de vida. No caso do grupo de entrevistados desse trabalho, homens e mulheres entre 25 e 40 anos, todos são moradores atualmente em Poços de Caldas, que estavam inseridos no mercado de trabalho local ou preparando-se para sua inserção após estudos regulares na época da partida, as opiniões

encontradas não foram diferente de tantas análises já publicadas, onde a questão do trabalho surgiu já nas primeiras falas das conversas, na apresentação sobre o início de sua história com os Estados Unidos

[...] eu não sabia o que eu ia fazer até então, mas eu já tinha uma ideia devido ao meu pai e meu irmão terem morado lá também, eu não sabia exatamente em que eu ia trabalhar mas eu fui com a ideia de morar mesmo e trabalhar. Conhecer um pouco da cultura, tentar desenvolver, mas vamos dizer que o objetivo principal seria tentar um trabalho. (Marcelo, 33 anos, 2014)

Ah eu tive a intenção de ir para os Estados Unidos pra eu poder juntar dinheiro pra comprar meu carro [...] Eu trabalhei na pintura e carpintaria, montagem de parede, essas coisas, os oito meses que eu fiquei lá. Mas teve uns intervalos, que eu saí, um mês eu parei de trabalhar com eles porque briguei com eles e aí eu acabei trabalhando na construção civil, pesado mesmo, carregando areia, bloco, cimento, pedra, fazendo chão de pedra, essas coisas. (Matheus, 28 anos, 2014)

Eu fui pra lá pra trabalhar né? E melhorar de vida, que eu venho de uma família bem simples e meu tio já morava lá há alguns anos, uns 5/6 anos já, então ele tinha uma *delli*, é uma, tipo um mercadinho, uma panificadora. E eu fui pra ajudar ele lá e aí eu acabei ficando quatro anos e pouco. (Wilson, 33 anos, 2014)

Tá, eu fui pra lá, quer dizer, meus pais, os dois [...] Então ele (meu pai) basicamente cresceu com essa ideia de que era isso que ele queria fazer e não tinha muito mercado pra isso aqui né e quando a minha mãe ficou grávida, adolescente, 16 anos, daí foi assim então: “hã, o que a gente vai fazer?” Daí meu pai falou assim, ah eu vou para os Estados Unidos. Então ele foi, sem falar inglês, assim, foi no zero. (Nara, 28 anos, 2014)

em questão de trabalho eu graças a Deus, acho que fui bem iluminado. Eu sempre fui eletricitista aqui no Brasil. Quando eu cheguei lá eu pensei, não quero mexer com isso e aí comecei a

trabalhar na companhia de pintura. Trabalhei nove meses nessa companhia, mas era só brasileiro, eu trabalhei nove meses só lixando, eles não deixavam eu rolar uma parede aí eu saí da companhia e fui pra uma outra companhia, trabalhei dois meses pra uma essa companhia e já pulei pra uma outra companhia lá em Manhattan. Nessa companhia lá em Manhattan, com um mês eu era como se fosse o encarregado da companhia. Eu tomava conta de 39 homens dentro de Manhattan, muito brasileiro, muito hispano, mexicanos, tinha uns polacos e foi onde eu desenvolvi mais o meu inglês [...] E nesse mesmo tempo eu já comecei a trabalhar como *bar tender*, é barman aqui mas é *bar tender* lá, eu fiz meu curso lá entendeu e aí eu me tomei um *bar tender* profissional, trabalhava em Manhattan e morava em Mount Vernon [...] Aí depois eu cheguei num patamar da pintura que eu não tinha mais pra onde crescer, aí eu falei: cê quer saber de uma coisa, eu vou abrir uma firma de elétrica. Aí abri minha firma de eletricidade [...] E nisso eu trabalhei 6 anos. Ganhei muito dinheiro mas também perdi muito dinheiro. Ele te dá com uma mão e te toma com outras. Ele te dá coisas que o dinheiro compra e te toma coisas que o dinheiro não compra, entendeu? (Elder, 35 anos, 2014)

dfa\

Eu tinha vontade assim de ganhar um dinheiro mais rápido pra comprar um apartamento, comprar um carro, pra ter uma vida independente. Então mesmo eu sendo formada, eu fiz Ciências Contábeis na faculdade, tinha um bom emprego, mas eu tinha aquele sonho né de me aventurar numa coisa diferente. [...] Então quando a gente chegou lá, o tio dela foi ao aeroporto, buscou a gente, levou a gente pra casa e aí na primeira semana que a gente tava lá eles já deram um jeito de arrumar trabalho pra gente, na faxina né? Porque quando a gente chega lá é pra trabalhar ou de babá ou de faxineira, alguma coisa desse tipo. Dali uma semana nós duas já tava trabalhando, a tia dela alugou um quarto da casa pra gente morar e ali começou tudo. (Cristiane, 37 anos, 2014)

Como contam os entrevistados, muitos deixaram Poços de Caldas com o objetivo de melhorar de vida a partir do trabalho e esforço individual. Ainda que a cidade fosse considerada polo em desenvolvimento econômico da região, principalmente após a chegada de empresas exploradoras de bauxita como a *Alcoa* e a *Mitsui*, além da *Danone* e de centros universitários como a PUC Minas, Universidade Federal de Alfenas, Faculdade Pitágoras e Universidade Estadual de Minas Gerais, muito se alimentava em relação ao imaginário da vida nos Estados Unidos. Esse imaginário além de contribuir com a saída de muitos, favoreceu também a economia local que movimentou-se a partir dos dólares enviados pelos imigrantes que estavam lá, um fenômeno que posteriormente recebeu o nome de dolarização da economia²⁰ e que foi utilizado para pensar a situação de outras cidades de Minas como Governador Valadares. Mesmo assim, independente do status poços-caldense e da movimentação econômica proveniente dessas empresas e do turismo, o fluxo de emigrantes na cidade aumentou ao longo dos anos, assim como a circulação de notícias e informações sobre o trabalho desses emigrantes, que passou a ser reconhecido oficialmente pelas prefeituras de ambas as regiões partir de 2005, na assinatura do Ato de Irmanação entre as duas cidades. Com tanta informação veiculada pela mídia e com o auxílio da ONG BAE, que passou a ter um espaço físico para atendimento ao público em agosto de 2007 através da Lei nº 8392, sancionada pelo prefeito Sebastião Navarro Vieira Filho, tornando-a Utilidade Pública para todos os fins e efeitos de direito, nem mesmo as regulamentações migratórias posteriores ao atentado de onze de Setembro de 2001 foram suficientes para bloquear o fluxo desses brasileiros a Mount Vernon, que seguiram em travessias na busca por atividades mais rentáveis, auxiliados não só pelas redes informais estabelecidas, mas também pelos processos de reconhecimento público que foram consolidados entre as duas regiões.

Como contam os entrevistados sobre Mount Vernon, brasileiros, portugueses e a população negra norte americana convivem na região paralelamente à presença de minorias denominadas “hispanas”, que também avançam pelo território a procura de trabalho e baixos custos de vida. Entre esses grupos, mexicanos, guatemaltecos,

20ASSIS, Gláucia. *Estar Aquí, Estar Lá ... Uma cartografia da vida entre o Brasil e os Estados Unidos / Assis.* - Campinas: Núcleo de Estudos de População/UNICAMP, jun.2002. SALES, Teresa. *Brasil migrante, Brasil clandestino. São Paulo em perspectivas.* 1994

hondurenhos, salvadorenhos, paraguaios e chilenos vivenciam maiores dificuldades, principalmente em relação à adaptação e à dinâmica do trabalho, tendo problemas para se ajustar ao tipo de trabalho que é oferecido ao imigrante e à competição com profissionais brasileiros. Como relatam Marcelo, Matheus, Gabriel, Wilson e Elder, moradores poços-caldenses que entraram no país de maneiras completamente diferentes, mas vivenciaram experiências de trabalho sem documentação em Mount Vernon, a construção aparece como principal área para a mão de obra brasileira. No ramo da construção, os serviços mais pesados são os que possuem mais oferta, principalmente por serem aqueles que os norte-americanos se negam a fazer e contratam mão de obra barata para os substituir. Além dos serviços pesados, a pintura é também outro setor da construção que mais acolhe brasileiros em Mount Vernon, sendo o trabalho inicial para os que chegam com pouca experiência. No caso dos entrevistados, é possível observar que a maioria, proveniente de classes mais baixas da cidade, já trabalhava no setor da construção no Brasil e rapidamente cresceram e alcançaram bons salários a partir de suas experiências anteriores, o que permitiu que ao longo dos anos alguns conseguissem abrir suas próprias firmas no setor de construção em Mount Vernon.

Além da construção, o trabalho nos restaurantes aparece em todas as entrevistas, sendo uma segunda opção prática, principalmente para aqueles que, sem documentos, necessitam de um trabalho flexível, com poucas exigências em relação ao esforço físico, à identificação e à comprovação do direito de residência no país. Na mesma linha aparecem os serviços domésticos, como a função de faxineira e babá, destinados principalmente às mulheres imigrantes no primeiro momento de estadia. Depois de um tempo no trabalho, que é sempre descrito como pesado e intenso, com o auxílio da rede de brasileiros, muitas passam a trabalhar em estabelecimentos comerciais de imigrantes, como é o caso dos famosos salões de beleza brasileiros ou as *dellis* de produtos importados. Há também o caso de muitas brasileiras que vão para Mount Vernon e lá acabam conhecendo brasileiros com quem se casam e logo abandonam o serviço. Como conta Cristiane sobre o seu caso e de outras conhecidas, o trabalho dos homens acaba sendo muito melhor remunerado, o que torna a contribuição da mulher com a renda da família muito baixa, fator que não será explorado aqui mas que poderia servir de caminho às reflexões associadas as variáveis de gênero e a condição feminina na migração.

O Wilson trabalhava na construção civil, então ele ganhava muito bem, ele ganhava assim 10 vezes

mais que eu lá. Aí um dia ele falou pra mim assim, a amor, fica em casa pra você fazer comida pra mim, porque ele tava sentindo falta de ter uma comida brasileira pra ele comer, ter um lar, porque lá era tudo muito só rua, rua, trabalho, sozinho é muito difícil. Aí ele falou, cê fica em casa que esse dinheiro que ocê tá ganhando não vai nem fazer diferença pra nós. Porque eu ganhava assim, 70, 100 dólares uma faxina. Ele não, ele ganhava tipo, um trabalho que ele fazia ele ganhava um carro, tipo uma cherokee. (Cristiane, 37 anos, 2014)

Além das experiências com o trabalho pesado, muitos descrevem como o tempo de trabalho e a necessidade de juntar dinheiro para enviar ao Brasil acabam por fazer da experiência no país uma vivência árdua, e que pouco se volta ao aprendizado da língua, estudos ou conhecimento da cultura local. Em todos os relatos e também na análise feita pelo jornalista Walther Alvarenga em relação ao que seria o “sonho americano”, apresenta-se a ideia de que esse sonho nada se relaciona com os Estados Unidos a não ser pela questão do dinheiro que se conquista por lá, um dos motivos pelo qual, por exemplo, o programa “New York, um sonho brasileiro” acompanha as trajetórias desses imigrantes sem se desligar de Poços de Caldas, o local onde esses sonhos são compartilhados e concretizados.

Como pude observar nas entrevistas, as entrevistas carregam sentidos e significados compartilhadas por muitos outros que se encontram na mesma situação, onde o trabalho é totalmente voltado para as realizações no Brasil e ao que se está construindo aqui, ainda que tudo isso aconteça em paralelo à vida que se vive lá. Além de frequentar espaços brasileiros, manter o hábito de comer a comida brasileira e alimentar os vínculos com Poços de Caldas, a vida de muitas imigrantes em Mount Vernon se direciona totalmente ao trabalho, um fator que não é só interiorizado por cada sujeito nessas condições, mas que também é constantemente divulgado e reforçado pela mídia local, que exalta e retrata nos jornais e canais locais quais são as contribuições do trabalho desses indivíduos para ambas as cidades.

Com faz o portal Comunidade News, “sucessos financeiros”, destaques de popularidade, recorde de vendas e o crescimento dos empreendimentos brasileiros na região ganham visibilidade semanalmente, através das coberturas jornalísticas, das matérias para TV e também dos especiais de fim de ano que fazem um balanço sobre a contribuição da comunidade brasileira sul-mineira à região de Mount

Vernon. A divulgação desse material acontece, ainda que parte desses resultados sejam frutos de uma série de restrições e impossibilidades vivenciadas pelos sujeitos que os alcançam. Num contexto de transformação, a visão construída na cidade de Poços de Caldas em relação ao seu movimento migratório, ao longo dos anos, deixou de ser focalizada a partir da ótica da ilegalidade, da invisibilidade, dos perigos da travessia, do desemprego e do desamparo, passando a enfatizar narrativas associadas às carreiras de sucesso e à consolidação do migrante desejável, que é amparado pelas políticas dos Estados envolvidos e revitaliza o subúrbio norte-americano. Inseridos nesse contexto, destaco os seguintes trechos das entrevistas:

Eu trabalhava o dia inteiro e queria vir embora o quanto antes né? Eu não vivi os Estados Unidos, eu sobrevivi aos Estados Unidos. Eu fui só pra isso. E eu não voltaria pra lá, hoje na situação que eu to, não, família, filhos. (Gabriel, 31 anos, 2014)

Eu voltei se eu não me engano dia 5 de dezembro. Ia começar a neve, tanto é que eu fui, cheguei lá em abril e tinha nevado duas semanas antes. Eu vim embora no domingo e aí na segunda-feira nevou. Eu não vi neve. Mas mais por causa do frio, que eu ia ficar parado lá, gastando dinheiro, sem trabalhar. Dei graças a Deus de ir embora, eu não aguentava mais. Eu não ficaria mais, não teria continuado, mas valeu a pena, aproveitar que eu era novo, não tinha compromisso, eu não tinha família e o dinheiro deu pra comprar o carro, ainda sobrou dinheiro ainda, que eu comprei um carro usado. (Matheus, 28 anos, 2014)

Aí foi uma decadência, eu fui perdendo as minhas coisas, eu não queria saber de trabalhar, só queria saber de cheirar. Foi um ano e três meses de sofrimento, mas do mesmo jeito que eu entrei eu saí.[...] Mas eu só comecei a abrir o olho... Enquanto eu tava perdendo o que eu tinha lá, tudo bem. A hora que eu comecei a perder minhas coisas aqui no Brasil, aí eu pensei, opa, peraf! Eu pagava um golf zero aqui, era 73 mil, eu tinha pago 59 mil, desse dinheiro entendeu...Aí eu comecei a usar, deixei de mandar dinheiro pra cá, aí o que aconteceu? Eu perdi. Não perdi tudo, porque desses 59 mil que eu paguei, eu peguei 23

mil, mas olha quanto de dinheiro que eu perdi? Mas não tem problema, o que interessa é hoje, que antes de eu vir embora eu fiquei mais quatro anos lá, onde eu ergui minha cabeça de novo, recuperei meu nome e refiz minha vida, ainda lá nos EUA pra poder voltar. (Elder, 35 anos, 2014)

Então o que eu falei pra ele, vamos juntar um dinheirinho e a gente vai comprar uma propriedade no Brasil e depois eu quero ir embora, eu não quero ficar nesse país. Aí eu já tava cansada, porque a gente trabalha muito pra falar a verdade pra você. Ainda mais a gente que é formada, eu era formada, trabalhava em escritório e chega lá tem que pegar faxina... E tem gente que fala assim, ah mas lá é tudo facinho, não precisa jogar água, só passa um paninho, não é bem assim não, as casas lá são enormes, mansões de 3,4 andares, cê tem que passar aspirador de pó naqueles carpete dessa grossura, faxina é pesado, pra quem não tem costume, que era meu caso, toda vida trabalhei pra fora, escritório, essas coisas, chegava de tarde eu tava moída, parecia que tinha passado um trator no meu corpo de tão cansada. E eu trabalhava 12 horas, das 7 da manhã às 7 da noite, é puxado... (Cristiane, 37 anos, 2014)

[...] a parte de pessoas, de saudade, foi a parte mais difícil de adaptação lá, então pra mim foi um pouco mais complicado mas por outro lado, o que me facilitou e que pra gente é uma dificuldade e que pra mim já não foi tanto, porque eu sentia menos dificuldade era a questão de trabalhar. Eu já trabalhava aqui, eu já tinha um certo costume, sempre trabalhei desde cedo, então isso pra mim foi mais tranquilo [...] eu trabalhava na construção como boa parte dos homens trabalham, acaba trabalhando na construção, um pouco em restaurante, enfim, mas sempre muito ligado à construção, o meu trabalho mesmo era mais ligado a telhado, mexia em telhado. Uma grande parte das pessoas que moram em Mount Vernon já trabalha na pintura, muito no serviço de

pintura, mas ligado à construção. (Marcelo, 33 anos, 2014)

Entre os temas que acompanham a discussão sobre trabalho e imigração, a questão da documentação logo aparece, demarcando falas de preocupação, alívio e conquistas individuais. Ao longo das conversas, o que encontrei em relação à falta de documento e à ilegalidade, são muitas situações onde os sujeitos transitam o tempo todo entre esferas de reconhecimento e de negação de seus direitos, e a partir de dribles, interesses institucionais e pequenos ajustes informais, hora alcançam e conseguem comprovar seu direito de permanecer e trabalhar na região, hora estão completamente à margem de qualquer garantia enquanto cidadãos de direito.

De acordo com dados do Consulado dos Estados Unidos e como contam os relatos, o visto dado garante no máximo seis meses de estadia no país, seguindo critérios de seleção, comprovação de renda, moradia, entrevista e as tradicionais cotas instituídas. Nesse período os imigrantes não podem trabalhar e precisam comprovar como vão se manter no país até retornarem ao Brasil, além de serem obrigados a demonstrar registro de casa própria e vínculo empregatício no local de origem. Muitos vistos até podem ter uma duração de dez anos, mas ainda assim, necessitam que o imigrante retorne ao fim de cada seis meses, já que ele não tem permissão para ficar no país por um longo período e também não tem permissão para trabalhar.

Considerando vistos e sua relação com o trabalho, o que mais pude observar nos relatos em campo, e que inclui os diferentes tipos de travessia, é que as adaptações surgem assim como as justificativas e possibilidades para o imigrante que mesmo sem permissão para trabalhar e com o visto vencido, realiza todas as atividades que necessitam de comprovação, como por exemplo ter algum tipo de registro no emprego ou carteira assinada, ainda que sejam falsos, abrir firmas e empreendimentos próprios, tirar a carteira de motorista, ser contratado para serviços onde precisa dirigir e até mesmo contribuir com impostos trabalhistas que futuramente serão recolhidos pelo Estado, mas que não poderão ser devolvidos a ele devido sua condição ilegal. Entre as observações e críticas feitas a este sistema de fiscalização, quase todos os entrevistados condenam o sistema trabalhista norte-americano, que apesar de não os reconhecer enquanto cidadãos e trabalhadores legítimos, de alguma maneira usufrui de suas atividades ilegais a partir dessa contribuição que acontece mesmo sem o visto de permissão. Como descreve Nara:

Então, existe muita gente que compra o número (o social security), consegue um número falso, você usa um número qualquer assim e vai. Você dá esse número até que alguém descobre que não tá batendo com o seu nome. Ai você compra outro. Exatamente. Lá nos Estados Unidos tem muito essa briga contra quem apoia a migração e eles sempre falam que os imigrantes estão tirando os empregos dos americanos e não sei que lá da economia, mas assim, tem muita gente que usa esse número falso, que paga imposto e que eles nunca vão tirar esse número, porque o social security também te dá os benefícios, como se fosse o INSS também [...] Mas lá assim, você tá trabalhando e eles estão descontando do seu salário o seguro, um “INSS”, mas na verdade essas pessoas nunca vão tirar esse dinheiro, então ele vai ficar lá porque eles não vão tirar. Então na verdade eles tão contribuindo com um imposto que eles nunca vão retirar. É bizarro, mas isso acontece muito. Já tá mais do que comprovado economicamente que ganha-se com o imigrante ilegal. É ideológico mesmo. (Nara, 28 anos, 2014)

Da mesma maneira narra Gabriel:

Eu já fui registrado, mas meus papéis eram todos falsos. Eles recolhem meu INSS, mas depois eles não te dão, digamos o fundo de garantia aqui. Eles recolhem mas não devolvem. Você é legal, eles recolhem todo ano e te devolvem, se você não é, eles recolhem mas não te devolvem. Como que eu, com papel falso vou lá querer recolher meu fundo? (Gabriel, 31 anos, 2014)

Práticas como essas tornam ainda mais difícil compreender exatamente qual é a situação dos imigrantes na região, sejam eles legalizados ou não, visto que ela se alterna constantemente entre as possibilidades e limitações oferecidas pelo próprio sistema que os regula. Da mesma maneira que os indocumentados exercem algum direito a partir de seus esforços individuais, seus dribles e também as cegueiras do Estado em muitos momentos os beneficia e se beneficia com o trabalho de estrangeiros no território nacional. Sem ser diferente, é possível observar que imigrantes resguardados pelo *green card* também vivenciam a condição transitória, sofrendo e ao mesmo tempo se beneficiando com as inconstâncias da fiscalização. Como conta Nara:

Tem algumas restrições: você não pode morar fora do país. Era pra eu ter perdido meu *Green card* teoricamente porque eu morei aqui e porque agora eu to aqui. Na verdade agora eu ainda to dentro do período aceitável mas você não pode ficar mais de seis meses fora. Então quando eu mudei pra cá aos 12 anos era pra eu ter perdido. O problema, problema não, o que ajudou é que naquela época não era digitalizado. Era só uma carteirinha então eles não sabiam. Então quando eu voltei pra lá aos 18, pra fazer faculdade. Eu cheguei lá, assim, eu já tinha ido várias vezes, nas férias, assim quase todo ano, indo e voltando só com o green card. Lá eu sou uma residente legal, uma brasileira residente permanente. Quando eu voltei pra lá, na verdade meus pais perderam meu green card numa dessas viagens e eu tive que fazer outro. E quando eu entrei eles perguntaram quanto tempo eu fiquei fora, ah um mês, tranquilo, eles não sabiam. Eles não sabem quando você saiu. Só conseguem saber quando você entra, você passa na imigração. Agora quando você sai só vai no balcão. Eu não sei se eles transmitem essa informação. Vou ficar sabendo um dia quando eu voltar pra lá... Se eu souber futuramente te conto (risos). Então é um pouco rígido né? Eu to vivendo assim, aqui, mas o ideal seria eu voltar antes de completar seis meses. Você não pode ficar mais de seis meses a cada ano fora. Eu pensei em fazer a cidadania, porque eu poderia facilmente... O problema é que por eu ter morado fora nesse período, adolescente, eu fiquei com medo deles... Porque por enquanto eles não perceberam isso... Mas fiquei com medo deles não só não me darem a cidadania e tirarem meu green card. (Nara, 28 anos, 2014)

Os entrevistados desse trabalho entraram no país de maneiras muito distintas: sem documentação a partir da fronteira mexicana como é o caso do Elder; tendo sofrido deportações (duas) após conseguirem o visto por agências de turismo como o caso de Wilson e sua esposa Cristiane; seguindo a risca todas as normas norte-americanas até extrapolar os prazos concedidos, como o caso de Marcelo e Cíntia; vivenciando o ápice da legalidade permitida pelo sistema de garantias aos estrangeiros, o *green card*, até perdê-lo, como o caso de Nara e sua família; ou ainda, como o caso de Matheus, Gabriel e a grande maioria

dos brasileiros que estão lá, ficando no país após o prazo de seis meses. Em todas essas situações a quantidade de imposições e restrições divide espaço com grande número de “conquistas” e também estratégias que permitiram a esses brasileiros prolongarem sua estadia na região. Como contam, experiências como casar no cartório e retirar certidão no consulado, matricular filhos na escola, utilizar hospitais e atendimentos emergenciais, alugar casa, ganhar ou comprar o número de *social security*, ter conta em banco e não retornar ao Brasil dentro do prazo, foram momentos em que se usufruiu da “vista grossa” dos gerenciamentos públicos e também se inseriu na própria dinâmica do Estado americano que, a partir dos seus próprios extensos critérios de normatização e identificação, ofereceram brechas aos imigrantes que mesmo sem o visto, possuíam outros documentos que permitiam a existência de uma identificação no sistema e aí sim o direito de seguir a vida regularmente. Como descreve o pesquisador Ruben George Oliven no trabalho etnográfico *De olho no dinheiro dos Estados Unidos* (2001), nota-se que o país desenvolveu uma dinâmica muito particular associando práticas culturais de reconhecimento e categorização ao dinheiro e a concepção dos beneficiários dos serviços enquanto fregueses. Fregueses que pagam para usufruir seus direitos, consumidores dos serviços que estão sendo oferecidos.

De acordo com Ruben Oliven, nos Estados Unidos você precisa ter três documentos básicos: uma carteira de motorista, um cartão de crédito e um cartão do seguro social. A primeira funciona como uma carteira de identidade, a qual você também paga para usufruir, e no caso dos imigrantes, torna-se o principal documento de identificação e comprovação da situação regularizada (ainda que seu visto já tenha expirado e que se tenha pagado para retirar essa carteira). O segundo, o cartão de crédito, pode ser considerado uma prova de crédito, diretamente associado às suas possibilidades de compra. Já o terceiro é o registro nacional dos cidadãos e residentes dos Estados Unidos, que serve também para ajudar os funcionários do serviço de imposto de renda a encontrar as pessoas, e que no caso dos imigrantes ilegais, muitas vezes, é adquirido pela compra informal. Considerando tudo isso, na perspectiva de Oliven (2001, p.209) esses três documentos podem ser vistos como uma metáfora da sociedade norte-americana onde se espera que a pessoa tenha mobilidade e a partir dela se identifique, espera-se também que a mesma consuma e a partir desse consumo comprove seu status como contribuinte, quando então supõe-se que ela esteja dotada de direitos. Nessa lógica, fica fácil compreender como as adaptações ao sistema de fiscalização tornam-se possíveis à

medida que o imigrante, mesmo sem o visto de residência associa-se ao sistema de identificação, comprovando o direito que ele tem de estar ali a partir de suas atividades como contribuinte que consome, trabalha, investe na região assim como aqueles que nasceram ali. Ainda assim, é interessante pensar que esses direitos são limitados e associam-se a uma ideia reduzida de conceitos como cidadão e cidadania, sendo desenvolvidos a partir de relações de poder assimétricas que se legitima a partir de limitações e controles. Criam-se mecanismos de reconhecimento, mas reconhecimentos temporários, que a qualquer momento (quando for de interesse do Estado ou economicamente viável) promove a anulação desses direitos a partir de métodos legítimos como a deportação e a prisão de imigrantes ilegais.

Como conta Marcelo, que viveu na região por mais de cinco anos sem retornar ao Brasil dentro do prazo de seis meses, mas trabalhou com carteira assinada, tirou carteira de motorista e abriu sua própria empresa no setor de construção:

Bom, eu acredito que os EUA fazem uma certa vista grossa pro imigrante, eu imagino e eu vejo isso. Porque existem leis contra o imigrante, mas se você chegou, trabalhou tranquilo, não se envolveu com briga, com acidente no trânsito, você teve uma vida normal você não vai ter problema de forma alguma. Agora as pessoas que geralmente têm algum tipo de problema, geralmente ela foi pelo México, foi algo que, já entrou clandestino, se você for estudar você vai ver que há uma sequência de fatores, então geralmente começa por aí. Segundo, a pessoa chega lá e logo envolve com acidente no trânsito, às vezes com certo tipo de confusão, com bebida, algumas coisas que eles não perdoam, é tolerância zero. (Marcelo, 33 anos, 2014)

Da mesma maneira, Elder entrou pela fronteira e viveu doze anos no país sem documentos e sem nenhum tipo de visto. Elder tirou a carteira de motorista em Detroit, região que relata ter os contatos certos para conseguir o documento e, além da carteira, abriu sua própria empresa onde trabalhou seis anos como eletricitista. Da mesma maneira utilizou hospitais, se casou no cartório, se envolveu em acidentes de trânsito e chegou até ser reembolsado pelo seguro de vida e do carro, enfrentou blitz policiais, alugou casas, fez seguro para casas e carros e nesse tempo todo nunca teve problemas com a imigração. Sua justificativa estava associada à existência da corte de julgamentos no

país, uma instituição por onde passam todos aqueles que cometem crimes ou infrações graves. Sem nunca ter cometido crimes, seus problemas com fiscalização e possibilidades de deportação foram zero, assim como suas preocupações em ser mandado de volta. Mesmo assim, em relação ao sentido da documentação, Elder reconhece e afirma que para ele e no geral para todos os imigrantes essa condição, esses papéis, pouco importam. De acordo com ele, com ou sem documentos todos vivenciam as mesmas conquistas e também os mesmos problemas enquanto imigrantes, a própria condição de não ser daquele território:

Por isso que o povo fala, ah os brasileiros lá andam com medo, andam nada, todo mundo anda de boa. Quem tem problema é quem deve te, cê entendeu? Aí as pessoas que já tiveram problema com a corte, que tem o nome na corte, aí sim ela é procurada. Acontece também de pessoas serem deportadas por droga, ou, vamos supor, que mata uma pessoa, aí ela vai pagar primeiro e depois ela é deportada para o Brasil, mas não se você não tem problema nenhum com a polícia. Ela pode te parar, abordar, você mostra o documento pra ela e ela vai te liberar na mesma hora [...] Mas assim... Cê pode ser, cê pode ter documento, você pode ter o *green card*, cê pode ser cidadão americano, cê não vai passar de ser imigrante. Cê é imigrante de qualquer forma, entendeu? Cê pode ter tudo quanto é documento, mas você é imigrante. (Elder, 35 anos, 2014)

Da mesma maneira Cristiane e Wilson trabalharam, casaram e tiraram carteira de motorista no país sem ter grandes problemas com a fiscalização, mas também sem possuírem a documentação necessária para a estadia que durou para ela dois anos e para ele quatro anos. Como contam, seis meses depois da chegada tornaram-se ilegais e na época até foram atrás para conseguir o *green card*, mas nada deu certo, aí viveram da mesma maneira, em suas palavras, “normalmente”. Cristiane estudou em Mount Vernon, teve acesso aos hospitais e até a oportunidade de ter sua filha na cidade, mas optou por voltar ao Brasil, “não queria que ela tivesse outra cidadania” (Cristiane, 37 anos, 2014). Para os dois a deportação só veio na segunda vez que tentaram entrar no país, já em Miami, quando Wilson passou sete meses preso esperando para o retorno. Durante a conversa, enquanto contam sobre a estadia no país, a ajuda da família e os trabalhos alcançados em Mount Vernon, ambos avaliam a experiência nos Estados Unidos como muito boa, produtiva e

enriquecedora, além de demonstrarem suas intenções de voltar à região por que passaram. Nessa mesma conversa, já no fim, Wilson conta com tranquilidade o que viveu na deportação. Nesse trecho, que está selecionado abaixo, no qual relata o violento processo de volta para o Brasil, fica ainda mais claro, como é possível observar, todas essas alterações em relação às garantias e direitos dos imigrantes, assim como as rápidas e incisivas anulações que os tornam vítimas a qualquer momento, bastando apenas determinações institucionais que avaliam quais são os riscos que esses “sem-estado” oferecem:

É, então, a curiosidade foi isso, que na verdade quando eu fui deportado em... Eu voltei em 2003, aí eu cheguei em janeiro de 2003 e não consegui me adaptar novamente porque eu tinha 23 anos, eu trabalhava, eu ganhava muito bem, eu ganhava 23 mil dólares, no tempo o salário mínimo era 100 reais. Então eu cheguei aqui, começando tudo do começo aí eu falei bem assim, vou voltar. Eu voltei em maio, junho, eu e minha esposa. Minha esposa tava grávida de seis meses. Quando chegamos a Miami o policial pegou, colocou a escopeta nas costas da minha esposa, ela foi parar no hospital. Nos deportou, a minha esposa quase perdeu nossa filha que hoje tem dez. Aí eu peguei, deixei minha esposa aqui e voltei de novo em dezembro. Dia 7 de dezembro eu fui preso lá no México, na linha com o Texas. E voltei... Me soltaram só no dia 3 de maio, eu fiquei cinco meses preso comendo igual lavagem, fiquei 45 dias sem ver a luz do sol, meu amigo mesmo deu convulsão nele e ele perdeu a vista. Porque deu tipo um AVC nele e eu chamei o policial pra ajudar e o policial falou bem assim: “We don’t care about brazilian people, you are like garbage for us”, que significa nós não queremos saber dos brasileiros, vocês são como lixo pra nós, então aquilo me fez por o pé no freio e falar não, eu vou lutar no Brasil e vou vencer. (Wilson, 33 anos, 2014)

5.3) A carteira de Motorista, direito e cidadania

Voltando à questão da carteira de motorista, gostaria de destacar no final desse último capítulo a curiosa relação que é traçada entre esse documento e as possibilidades construídas aos imigrantes a

partir dele. Nesse sentido, observa-se a consolidação de um ciclo dentro do movimento migratório ao qual fazem parte os poços-caldenses que se mudam para Mount Vernon, onde esse documento representa em muitos momentos a possibilidade de mobilidade, não só no sentido que faz referência ao ato de dirigir e se deslocar entre uma cidade e outra, mas à mobilidade no seu sentido mais amplo, que oferece ao grande número de indocumentados a possibilidade de transitar não só pelas estradas do país como também pelas categorias sociais que os definem, superando o status de “clandestino e ilegal”.

Não pelo significado do documento em si, nem pelas capacidades ou intenções dos setores administrativos que regularizam as habilitações de trânsito, a carteira de motorista tornou-se um elemento simbólico para esta pesquisa principalmente a partir das apropriações realizadas pelos sujeitos migrantes que, com um novo uso conseguiram destituir esse dispositivo de suas autoridades e potenciais de controle. Utilizando uma simples estratégia, grande parte dos imigrantes que recebem o visto de seis meses logo saem em busca de regularizar uma carteira de motorista, que dentro desse prazo é considerada um direito individual. Acontece que após o período de seis meses em que vence seu visto de permanência, a carteira de motorista ainda segue sendo utilizada e aceita pela maioria dos órgãos públicos nos Estados Unidos. Sem chocar os dados, o prazo da carteira de motorista é de aproximadamente quatro anos, o que permite ao imigrante estar garantido de documentação quando abordado por algum representante público como a própria polícia. Da mesma maneira, e a partir da rede informal que se estabelece entre esses imigrantes e o compartilhamento de informações, outras formas de retirar a carteira mesmo sem o visto de permanência de seis meses existem em algumas regiões do país. Essas localidades também são partilhadas e já fazem parte da rede de contatos que garante a inserção desses brasileiros na região.

Ainda que provisório e refém das limitações da condição migratória, os usos dados à carteira de motorista demonstram como, de alguma maneira, esses sujeitos incorporaram e também compreenderam a dinâmica do Estado com o qual diariamente são obrigados a se relacionar, ainda que sejam invisibilizados ou negados constantemente. Nesse sistema é possível compreender este uso como um brecha aberta pelo próprio sistema de identificação norte-americano, mas que de alguma maneira é ressignificado pelas práticas compartilhadas por esses migrantes. Dentro de um sistema que exige o reconhecimento, constrói-se então uma outra forma, uma forma particular de se obter esse

reconhecimento, tornando a noção de legitimidade uma experiência mais maleável. É o que se evidencia nos seguintes trechos:

Raramente eu tive esse momento de me sentir um pouco imigrante. Às vezes, principalmente quando a minha carteira de motorista venceu. Aí quando venceu a parte dessa legislação mudou um pouco, então já em Nova York eu não consegui renovar mais, aí nesse período eu realmente senti, “nossa, to fora do meu país”, então eu senti um pouco dessa dificuldade. De forma geral, acho que pelo tempo que eu morei lá, 5 anos, relativamente foi muito baixo mas senti sim, a gente sabia que era imigrante, que a gente não era, não tinha todos os direitos da lei, isso a gente sabia que não. (Marcelo, 33 anos, 2014)

lá em Detroit podia, aí que que eu fiz, eu peguei um avião e fui até lá tirar minha carteira e tirei! Aí depois pra renovar deu o que fazer mas eu consegui ir lá e renovar também. Porque a carteira lá é o melhor documento, porque todo brasileiro, pra andar com as próprias pernas. E você precisa ter um carro, e ter carro é ter seguro também, pode ser o maior pau véio que tem, um fusca caindo aos pedaços mas seu carro tem que ter seguro. Aí pra você ter seguro muitos brasileiros que ajudam, por exemplo, você não tem carteira mas eu tenho, eu posso fazer um seguro pra você, eu pego o documento do seu carro e faço um seguro no meu nome mas qualquer coisa que aconteça com você vai pra cima de mim. (Elder, 35 anos, 2014)

Considerando os desdobramentos que surgem a partir do que significa ao imigrante brasileiro em Mount Vernon ter uma carteira de motorista nos Estados Unidos, seja ele indocumentado ou não, penso também sobre o que representa toda essa experiência na construção que o sujeito faz de si mesmo, assim como os sentidos que sua imagem incorpora à medida que ela é compartilhada não só em Mount Vernon, mas também em Poços de Caldas.

Depois de tantos relatos, finalizo este capítulo tentando avaliar como todas as análises e destaques feitos aqui vão de encontro à construção da noção de sujeitos de direitos, ou pelo menos sujeitos em busca e luta pelo reconhecimento. Sujeitos que acostumam-se às

inconstâncias de sua condição, mesmo encontrando nela brechas de uma resistência, e que ao mesmo tempo necessita sustentar não só expectativas íntimas, no campo individual dos desejos que o levaram para lá, mas também expectativas partilhadas por seus familiares que ficaram, expectativas otimistas dos mecanismos de comunicação que exaltam suas realizações e expectativas um tanto controladoras de um subúrbio novaiorquino que usufrui de toda revitalização proveniente de seu trabalho a partir do direito de deixá-lo partir ou voltar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS - *A cidadania como conquista e como liminaridade*

Ao fazer este trabalho procurei descrever detalhadamente a situação de Poços de Caldas e a forma como os sujeitos provenientes dessa cidade se comportam e lidam com os diversos elementos que intermedeiam suas relações no novo território. Da mesma maneira, através do trabalho de campo, das visitas à cidade e das entrevistas, procurei entender de que maneira surge esse migrante assim como os seus planos e a sua relação com os Estados Unidos, considerando a popularidade da temática aos moradores na cidade e o grande número de poços-caldenses lá. Ao longo da pesquisa e também no momento de sistematizar o material, várias vezes me perdi entre as histórias contadas e as observações feitas pelos informantes, que além de muito detalhadas, o tempo todo foram atravessadas por conjecturas, por ações, por interesses políticos, por relações tensas de dominação e por uma série de outros elementos culturais, simbólicos e econômicos que talvez sejam impossíveis de serem expressos neste pequeno trabalho de conclusão do curso, além de não suportarem explicações feitas por mim, pesquisadora que nem chegou a conhecer Mount Vernon a não ser pelos relatos. Ainda assim, em cada narrativa instituições, personagens, lugares, paisagens, comidas, sistemas de transporte, meios de transportes, documentos, desejos, planos, realizações, notícias de jornal, lembranças e discursos oficiais se articulavam, compondo um cenário que tinha como foco a entrevista, a narrativa e tudo aquilo que o depoente pudesse falar de si e da sua história.

Desse jeito eu cheguei até aqui sem deixar de me fazer a mesma pergunta: quem seriam esses sujeitos que se constroem em meio a tantas limitações e alternâncias próprias da condição de ser migrante, de ser estrangeiro e de não ser cidadão? Nesse trabalho descobri que esse sujeito é aquele que se constrói entre brechas e entre as próprias determinações institucionais, fazendo uso delas para garantir que seus direitos, já não garantidos, sejam então conquistados, introjetados e redefinidos - e também habituados a viver numa situação em que a qualquer momento poderão ser suspensos pela deportação. Também descobri que este sujeito de direito migrante poços-caldense se constrói na circulação, à medida que não se desvincula do local de origem, mas mantém contato constante com ele sem perder assim as possibilidades e as referências de como viveu e como gostaria de viver.

Nesse sentido, e em diálogo com as reflexões de Butler e Spivak, observei que a obtenção de direitos se faz “fazendo”.

Consolida-se à medida que se dirige, que se casa, que se estuda, enfim que se vive “regularmente” ainda que seus documentos de identificação afirmem que ali que você não tem mais permissão para viver:

Son derechos que están ejerciendo, lo que no significa que los tengan. El reclado es el momento incipiente de afirmacion de un derecho, su ejercicio, pero no por eso su eficacia, (2009, p. 88)

Significa que están cambiando em el suelo del lenguaje de la nación y tambien sus espacios publicos – conquista. Reclamar el ejercicio de la libertad que solo correponde a la ciudadanía es hacer ejercicio de essa libertad em forma incipiente (2009, p.90)

Com este trabalho, pude concluir, a partir daquilo que vivenciam e contam os imigrantes poços-caldense, que a questão da migração associa-se diretamente à questão da mobilidade e como consequência essa mobilidade associa-se à noção de liberdade. Uma liberdade que no caso dos fluxos migracionais, ainda que patrulhados, fiscalizados ou beneficiados pelo olhar das instituições e Estados reguladores, deve associar-se à garantia desses direitos. Nesse processo, a exigência da liberdade pode surgir de várias maneiras, o que faz dessa exigência o próprio exercício de direitos e de liberdade, que no caso dos sujeitos em trânsito pode ser reconhecida a partir das brechas pelas quais eles se inserem nos discursos públicos e também nos dados institucionais, tornando-se assim visíveis e mobilizados. Enfim, um desejo de cidadania, que na ação, de maneira indireta, contribui para a consolidação de um sujeito migrante, de um sistema próprio de garantia de sujeitos migrante e de um universo cultural, político, simbólico e social, que nem aqui e nem de lá, se constitui, permanece e proporciona uma esfera própria de reconhecimento, de liberdade e de identificação.

REFERÊNCIAS

Referências Bibliográficas

- AUGÉ, Marc. *Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Tradução Maria Lúcia Pereira. Campinas, SP: Papirus, 1994.
- AUGÉ, Marc. *Por uma Antropologia da mobilidade*. Maceió: EDUFAL: UNESP, 2010.
- APPADURAI, Arjun. *O medo ao pequeno número: Ensaio sobre a geografia da raiva*. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2009.
- APPADURAI, Arjun. *Dimensões Culturais da Globalização: A modernidade sem peias*. Portugal: Editorial Teoria, 2004.
- ASSIS, Gláucia de Oliveir; KOSMINSKY, Ethel. *Gênero e Migrações contemporâneas*. Florianópolis: Estudos Feministas 15(3), 2007.
- ASSIS, Gláucia de Oliveira. *A fronteira México-Estados Unidos: entre o sonho e o pesadelo: as experiências de e/imigrantes em viagens não-autorizadas no mundo global*. Campinas: Cadernos Pagu (31)/ UNICAMP, 2008
- ASSIS, Gláucia de Oliveira. *Estar Aqui, Estar Lá ... Uma cartografia da vida entre o Brasil e os Estados Unidos / Assis*. - Campinas: Núcleo de Estudos de População/UNICAMP, jun.2002.
[Estar Aqui, Estar Lá ... uma cartografia da vida entre o Brasil e os Estados Unidos, TEXTOS NEPO 41]
- ASSIS, Gláucia de Oliveira; SASAKI, Elisa Massae. *Teorias das Migrações Internacionais*. XII Encontro Nacional da ABEP: Caxambu, 2000.
- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- AGAMBEN, Giorgio. *O Estado de Exceção*. São Paulo: Boitempo, 2004
- BUTLER, Judith; SKPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Quién le canta al Estado-Nación? Lenguaje, política, pertenencia*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 2009.
- CANCLINE, Néstor García. *Culturas híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade*. Tradução Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 2ª Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.
- CANCLINI, Nestor García. *Globalização imaginada*. São Paulo, Iluminuras, 2003

- DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. Vol 4. São Paulo: 34, 2008.
- DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* São Paulo: 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense. 2005.
- DELEUZE, Gilles. Controle e Devir. In: *Conversações*. Trad. de Peter Pál Pelbart. São Paulo: SP Editora 34, 1992.
- DERRIDA, Jacques. *Força da Lei: o fundamento místico da autoridade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- FOUCAULT, Michel. *O governo de si e dos outros: curso no Collège de France (1982-1983)*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010a.
- FOUCAULT, Michel. *Em defesa da Sociedade: curso no Collège de France (1975 – 1876)*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010b.
- FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981 – 1982)*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010c.
- FOUCAULT, Michel. *Segurança, Território e População: curso dado no Collège de France (1977 – 1978) Coleção Tópicos*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: Histórias da violência das prisões*. 37.ed. Petrópolis: RJ: Vozes, 2009.
- FOUCAULT, Michel. *A História da Loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva. 1997
- GUATTARI, Félix. ROLNIK 1986.
- MACHADO, Igor de Renó. “O ponto de vista das famílias: etnografia sobre os emigrantes internacionaisvaladarenses (Brasil)”, in PADILLA, Beatriz e XAVIER, Maria (org.), *Revista Migrações - Número Temático Migrações entre Portugal e América Latina*, n.º 5, Lisboa:ACIDI, 2009.
- MALUF, Sônia. Além do templo e do texto: desafios e dilemas dos estudos de religião no Brasil. Antropologia em primeira mão, *Revista do Programa de Pós-graduação da UFSC: Florianópolis*, 2010)
- MARGOLIS, M. Little Brazil. *Imigrantes brasileiros em Nova York*. Campinas: Papyrus, 1994.
- SALES, Teresa. *Brasileiros Longe de Casa*. São Paulo: Cortez Editora, 1999.
- SILVA, A, e NETO, R. *Análise do fluxo migratório entre Poços de Caldas - MG e Estados Unidos da América: causas e reflexos na formação sócio-espacial municipal*. Alfenas: Unifal, 2011.
- SPRANDER, Marcia Anita. Algumas observações sobre fronteiras e migrações. *Fronteiras/ Artigos*, 2005.

TROUILLOT, Michel-Rolph. La antropología del Estado en la era de la globalización. Encuentros cercanos de tipo engañoso. *Current Anthropology*, Vol.42, N°1, febrero 2001 (Traducción: Alicia Comas, Cecilia Varela y Cecilia Diez).

WAGNER, Roy. *A Invenção da Cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
ZANFORLIN, Sofia Cavalcanti. *Etnopaisagens, Migração Contemporânea e as Tecnologias da Comunicação: o Corredor da Central e a nova migração africana para o Rio de Janeiro*. Instituto de la Comunicaió (InCom – UAB): Barcelona, 2012

REFERÊNCIAS DIGITAIS:

BRASIL. Conselho Nacional de Imigração. Disponível em: <<http://portal.mte.gov.br/cni/>> Acesso 10/06/2013.

BRASIL, Lei N° 6.815. de 19 de Agosto de 1980 Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6815.htm> Acessado 15/06/2013.

BRASIL, <http://www.comunidadenews.com/local/pocos-de-caldas-e-mount-vernon-serao-cidades-irmas-1320>

BRASIL, Dados infográficos de Poços de Caldas. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/> 2011. Acessado em 13/06/2013.

BRASIL, Jornal Estadão. <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,policia-nos-eua-quer-brasileiros-no-combate-ao-crime,162681>. Acessado em 13/07/2014.

BRASIL, Portal Brazilian Voice. <http://www.brazilianvoice.com/> . Acessado em 21/03/2014.

BRASIL, Sinditamaraty. <http://www.sinditamaraty.org.br/post.php?x=1298> . Acessado em 13/07/2014.

BRASIL, Brasileiros no Mundo. <http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/a-comunidade/associacoes-brasileiras-exterior>. Acessado em 10/06/2014.

.BRASIL, <http://pref-p-caldas.jusbrasil.com.br/politica/8374136/prefeito-recebe-titulo-de-cidadao-de-mount-vernon>). Acessado em

BRASIL, <http://www.mg.gov.br/governomg/portal/m/governomg/ acesso-rapido/10652-uai/10652/5309>. Acessado em 11/07/201

BRASIL, <http://umsonhobrasileiro.org.br>. Acessado em 04/07/2013

BRASIL, <http://www.mg.gov.br/governomg/portal/m/governomg/ acesso-rapido/10652-uai/10652/5309>. Acessado em 11/07/2014.

INGLATERRA, BBC. http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/04/080425_policianybrasileiros_cv1.shtml. Acessado em 10/07/2014

REFERÊNCIAS DAS ENTREVISTAS

Nara. Entrevista concedida a Gabriela Acerbi Pereira. 51 minutos. Gravada em Fevereiro de 2014.

Elder. Entrevista concedida a Gabriela Acerbi Pereira. 44 minutos. Gravada em Fevereiro de 2014.

Cinthia. Entrevista concedida a Gabriela Acerbi Pereira. 60 minutos. Gravada em Abril 2014.

Marcelo. Entrevista concedida a Gabriela Acerbi Pereira. 60 minutos. Gravada em Abril de 2014.

Matheus. Entrevista concedida a Gabriela Acerbi Pereira. 25 minutos. Gravada em Abril de 2014.

Gabriel. Entrevista concedida a Gabriela Acerbi Pereira. 25 minutos. Gravada em Abril de 2014.

Wilson. Entrevista concedida a Gabriela Acerbi Pereira, 45 minutos. Gravada em Fevereiro de 2014.

Cristiane. Entrevista concedida a Gabriela Acerbi Pereira, 35 minutos. Gravada em Fevereiro de 2014.

Walther Alvarenga. Entrevista concedida a Gabriela Acerbi Pereira, 62 minutos. Gravada em Fevereiro de 2014.